



**ANTONIO MENEGHETTI FACULDADE - AMF**  
**CURSO DE GESTÃO DO CONHECIMENTO E O PARADIGMA**  
**ONTOPSICOLÓGICO**

**CLAUDIANE WEBER**

**A DÍADE JOVEM E AMBIENTE: o rural no horizonte sul brasileiro**

Restinga Sêca/RS

2014

**CLAUDIANE WEBER**

**A DÍADE JOVEM E AMBIENTE: o rural no horizonte sul brasileiro**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico como requisito parcial para obtenção do título de Especialista.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Doutoranda Helena Biasotto.

Restinga Sêca/RS

2014

**CLAUDIANE WEBER****A DÍADE JOVEM E AMBIENTE: o rural no horizonte sul brasileiro**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico como requisito parcial para obtenção do título de Especialista.

**Banca Examinadora:**

Orientadora:  
Profa. Doutoranda Helena Biasotto  
Antonio Meneghetti Faculdade

Dra. Adrine M.M. Mendes  
Antonio Meneghetti Faculdade  
(Membro)

Msc. Jacó Felipe Ruver  
(Membro)

## RESUMO

WEBER, Claudiane. **A Díade Jovem e Ambiente**: o rural no horizonte Sul Brasileiro. 2014. 78 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico, Antonio Meneghetti Faculdade, Recanto Maestro – Restinga Sêca, 2014.

Entende-se que para o homem ser bem sucedido, ele deve também estar em um ambiente que mantém e reforça sua identidade existencial, para desenvolver sua própria ação em grande vantagem para si e para os outros. A pesquisa investiga a relação diádica do jovem com o ambiente. Procuramos saber se essa relação é para a autorrealização e se é benéfica para ambos. Nas aproximações teóricas da pesquisa verificamos as particularidades da situação atual, desenvolvimento da personalidade, os valores, orientações, preferências e atitudes à vida no campo dos jovens rurais dos estados do Sul do Brasil. Assim, é imprescindível tratar também o viés da Ontopsicologia na relação homem - ambiente. Estudou-se 2 grupos de jovens: os que ficaram no campo e os que migraram, advindos da agricultura familiar de estados do Sul do Brasil. Os resultados trouxeram compreensões sobre quais valores, interesses, internalidades e responsabilidades estão ligadas à permanência e a saída do campo. Os efeitos apontam que os jovens do campo são mais autorrealizados que os que migraram. E de modo geral, os jovens estão revendo o êxodo rural, preferem permanecer no campo, desde que não seja para trabalhar única e exclusivamente nas atividades agrícolas.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>CAPÍTULO I – APROXIMAÇÕES TEÓRICAS .....</b>	<b>7</b>
1.1 A AGRICULTURA FAMILIAR E AS REPRESENTAÇÕES DE RURAL PARA OS JOVENS .....	7
<b>1.1.1 Jovens e Autonomia .....</b>	<b>10</b>
1.2 TEORIAS E ABORDAGENS SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE DO JOVEM .....	13
1.3 AMBIENTE E AUTORREALIZAÇÃO.....	16
1.4 A ONTOPSICOLOGIA E A RELAÇÃO HOMEM - AMBIENTE.....	24
1.5 A DÍADE JOVEM - AMBIENTE.....	27
<b>CAPÍTULO II - PROCEDIMENTOS DA PESQUISA.....</b>	<b>33</b>
2.1 TAREFAS DA PESQUISA.....	34
2.2 OBJETIVOS DA PESQUISA .....	34
2.3 OBJETO DA PESQUISA .....	35
2.4 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA .....	36
2.5 MÉTODOS E PROGRAMA - O PERCURSO DA PESQUISA .....	37
2.6 HIPÓTESES DA PESQUISA .....	39
2.7 OS MÉTODOS DE ANÁLISE DE DADOS .....	40
<b>CAPÍTULO III - JOVEM – AMBIENTE Análise dos Dados.....</b>	<b>41</b>
3.1 ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS GRUPOS .....	41
3.4 O CONTEXTO RURAL NO HORIZONTE DOS JOVENS SUL BRASILEIROS ...	55
3.4.1 O Tempo Livre .....	55
3.4.2 Jovens do Campo e Jovens da Cidade: relações possíveis .....	57
<b>3.4.3 A dicotomia entre o ficar e o sair: o que faz você permanecer no campo ...</b>	<b>59</b>
3.4.4 Realização: O que mais gosta de fazer, ou que lhe dá mais realização .....	62
3.5 ATITUDES À VIDA NO CAMPO: Jovem – Ambiente, Caminhos Possíveis .....	63
3.5.1 Pelo Viés da Psicologia Humanista .....	65
<b>IV CONCLUSÕES .....</b>	<b>67</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>73</b>
<b>ANEXO A - QUESTIONÁRIO APLICADO.....</b>	<b>78</b>

## INTRODUÇÃO

O ser humano não vive sem alimentos e o agricultor produz o alimento para o homem do campo e da cidade. Sua atividade não é apenas nobre, é fundamental; o homem se doa num trabalho que pode ser uma experiência de prazer para aqueles que sabem colher a reversibilidade de natureza da sua ação ou uma frustração para aqueles que não trabalham de acordo com sua verdade.

O professor Meneghetti, em “O Projeto Homem”, define a interação do homem com a terra da seguinte forma:

A terra nutre a inteligência e a consciência, e prepara o indivíduo para um sentido de capacidade pânica: saber captar o todo, ser capaz de compreender a alma que se esconde atrás de cada coisa. Neste sentido, deve-se pensar na terra como um grande corpo de um espírito imenso, do qual nós somos pontos – efeitos vitais (2011, p.288).

Cultivar a vida na terra é muito mais do que arar e largar sementes. É preciso intuição aguçada, direcionada ao conhecimento da terra, para inspirar a percepção do ar, da água, da chuva. Como centro operativo, o homem do campo deve saber individuar e aplicar em cada situação a medida exata, a ação perfeita para aquele manejo agrícola (FOLETTTO, 2011).

Historicamente, as características que identificam empírica e historicamente os indivíduos que se dedicam à produção agrícola não expressam nenhum reconhecimento social no sentido da profissionalização, nem os agricultores têm demonstrado possuir uma clara identidade profissional.

As características, o modo de funcionamento e as contribuições que a agricultura familiar pode dar ao desenvolvimento de um país é tema pouco conhecido, mesmo em universidades, nas instituições de pesquisa, extensão rural e nos governos. Uma radiografia da agricultura familiar elaborada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) em 2009, a partir do Censo Agropecuário de 2006 e de levantamentos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), exhibe dados interessantes sobre o setor. Comparado ao chamado agronegócio, ela domina as estatísticas em número de estabelecimentos rurais e em geração de empregos. Do total de cerca de 5 milhões de estabelecimentos existentes no País, 4,3 milhões são de agricultura familiar (84%). Os pequenos ocupam 12,3 milhões de pessoas (74%), e os grandes, 4,2 milhões (26%). Então é inegável nos perguntarmos quem serão os responsáveis pela gestão da agricultura e do meio rural daqui para frente.

O êxodo juvenil significa desperdiçar irreversivelmente talentos e oportunidades capazes de promover o desenvolvimento regional e a cidadania no campo. Acompanhando a

vida de muitos jovens do campo, que nascem e crescem nas comunidades rurais, sabe-se que ainda há um grande número de migrações e conseqüentemente um esvaziamento econômico, social, político e cultural de muitas regiões brasileiras.

Atribui-se, de forma bem generalizada, que a saída de jovens do campo se dá em função das más condições socioeconômicas, o que reforça ideia da inviabilidade da agricultura familiar. Não que isso não seja verdadeiro, no entanto, de acordo o pesquisador Stropasolas (2006) muitos filhos e filhas de famílias rurais consolidadas, ou seja, bem estruturadas economicamente, procuram a cidade. O que está em jogo, além dos fatores econômicos?

Por outro lado, sabe-se que a escolha do jovem de mudar de lugar não é simples, mesmo que a vida na cidade pareça ser mais atraente, muitas vezes não é fácil mudar do campo para a cidade, do lugar que se nasce para o novo.

Entende-se que para o homem ser realizado, ele deve também estar em um ambiente que mantém e reforça sua identidade existencial, para desenvolver sua própria ação em grande vantagem para si e para os outros.

Dentro desse princípio, procuramos entender através das “relações de díade”, termo como é entendido na Ontopsicologia, que relações diádicas este jovem tem com o ambiente, para que possa lhe proporcionar resultados essenciais à sua vida e a autorrealização. Deste modo, a pesquisa procurou responder como se dá a relação diádica do jovem com o ambiente. Esta relação é para a autorrealização? Se dá de forma benéfica para ambos?

Assim, nessa pesquisa apresentamos no Capítulo I - As aproximações teóricas sobre os principais autores que abordam a agricultura familiar, a relação jovem e ambiente, e as compreensões sobre díade. No Capítulo II a metodologia empregada na pesquisa; no Capítulo III toda a análise dos dados recolhidos e observados; para depois escrevermos e refletirmos sobre as conclusões.

## **CAPÍTULO I – APROXIMAÇÕES TEÓRICAS**

Entende-se que para o homem para ser bem sucedido, ele deve também estar em um ambiente que mantém e reforça sua identidade existencial, para desenvolver sua própria ação em grande vantagem para si e para os outros. A pesquisa investigou como se dá a relação diádica do jovem com o ambiente. Esta relação é para a autorrealização? Se dá de forma benéfica para ambos, assim, compreender como se dão, à luz da psicologia social, sociologia e economia rural, as relações jovem-trabalho. A análise da literatura buscará delinear os principais autores que abordam a relação jovem e ambiente e as compreensões sobre diáde pela perspectiva da Ontopsicologia.

### **1.1 A AGRICULTURA FAMILIAR E AS REPRESENTAÇÕES DE RURAL PARA OS JOVENS**

Neste sub-capítulo procuraremos focar na compreensão dos significados das mudanças vivenciadas pelos jovens no espaço rural, especialmente o dos jovens provenientes das pequenas propriedades, ou seja, a agricultura familiar. Este enfoque será dado no que se refere ao mundo de crises, destes jovens, em relação ao futuro na agricultura, ao trabalho, à família, ao casamento, à educação e ao lazer.

Para iniciar esta discussão, verificamos que existem no momento várias concepções de rural, expressas por visões do que pode vir a ser o rural e dos possíveis usos atribuídos aos seus recursos. Para ir além das restrições econômicas é fundamental incluir no debate as esferas ideológicas e sociais que interagem no espaço rural.

Mas afinal o que vem a ser agricultura familiar? Para Stropasolas (2006, p. 39), “o ponto de partida é o conceito de agricultura familiar entendida como aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo.” Ainda assim, a “combinação entre propriedade e trabalho assume, no tempo e no espaço, uma grande diversidade de formas sociais.”

Também adotaremos deste autor o conceito de comunidade. Esta pode ser uma “localidade que apresenta densa concentração de relações interpessoais e comumente apresenta normas comportamentais baseadas numa identidade compartilhada, em laços afetivos e em suportes mútuos;” e, por outro lado, pode também ser um “espaço no qual ocorrem fatos que nem sempre tem lugar para a harmonia” (STROPASOLAS, 2006, p. 38).



Na esfera acadêmica, Maria José Carneiro (2005) destaca que ainda há poucas pesquisas existentes a respeito da juventude, especificamente sobre jovens rurais. A autora constata que, dentro de um contexto em que são considerados membros de uma equipe de trabalho familiar - aprendiz de agricultor ou ajudante na complementação da renda da família - quando o jovem rural é visto, o é na perspectiva do trabalho. Soma-se a isto o fato de que não se trata de qualquer trabalho, mas principalmente do trabalho agrícola.

Nesse sentido é interessante observar que, em se tratando do governo federal, as políticas públicas para os jovens rurais estão concentradas, sobretudo, no Ministério do Desenvolvimento Agrário, subsidiando a produção agrícola de base familiar. Além disso, a juventude rural brasileira é constantemente associada ao problema da migração do campo para a cidade, e não vista como uma unidade produtiva.

Segundo Castro (2009), ser jovem rural carrega o peso de uma posição hierárquica de submissão, em um contexto ainda marcado por difíceis condições econômicas e sociais para a produção familiar. Diversos estudos no Brasil e em outros países apontam para a tendência da saída, nos dias atuais, de jovens do campo rumo às cidades [...]. Se essas pesquisas confirmam o deslocamento dos jovens, outros fatores complexificam a compreensão desse fenômeno. O “problema” vem sendo analisado através de dois vieses.

Há certo consenso nas pesquisas quanto às dificuldades enfrentadas pelos jovens no campo, principalmente quanto ao acesso à escola e trabalho. Outro viés, tem como principal leitura a atração do jovem pelo meio urbano, ou ainda, pelo estilo de vida urbano (Castro, 2009, p. 189).

Para Stropasolas (2006, p. 35) as áreas rurais apresentam uma herança cultural que origina uma relação econômica e social específica, que tem a agricultura e a produção de alimentos como pano de fundo das representações que são construídas.

Os estudos mais importantes na área de Sociologia e Economia nos últimos 10 anos, vem mostrando que vínculos de proximidade e as relações de confiança gerados no espaço rural podem tornar-se fonte decisiva de desenvolvimento (ABRAMOVAY, 2000).

Essa teia de relações, é o que Putnam (1996, p.177) citado por Stropasolas (2006, p. 37) denomina de capital social, que diz respeito a características da organização social como confiança, normas e sistemas, que contribuem para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando ações coordenadas. E quanto mais desenvolvidos forem esses sistemas numa comunidade, maior será a probabilidade de que seus cidadãos sejam capazes de cooperar em benefício mútuo. Nesse sentido, sua “característica mais importante é de que se trata de um

bem público, de um conjunto de recursos, inclusive simbólicos, de cuja apropriação depende em grande medida o desenvolvimento de uma localidade.”

Esta concepção de capital social é muito importante para compreensão das representações em torno do ambiente cultural vivenciado pelos jovens, pois além das relações de sociabilidade estabelecidas nas comunidades rurais, permite analisar os padrões culturais e as hierarquias de poder dentro da família. As características da organização interna da sociedade rural envolvem também relações hierárquicas e desigualdades, de geração, de gênero e de sucessão hereditária (STROPASOLAS, 2006, p. 37-38).

Assim, o que muitas vezes pode parecer um problema econômico, é essencialmente um problema social. Não estamos querendo afirmar que o agricultor não é explorado economicamente: eles não recebem em troca a forma justa de pagamento pelos produtos produzidos. No entanto, além da exploração financeira, um princípio bastante desfavorável à felicidade individual e geral trabalha na destruição do seu ambiente social, de sua vizinhança, de sua posição na comunidade, de sua profissão, de todas aquelas relações com a natureza e o homem na qual está embutida a sua existência econômica anterior (Polany, 1980);

Uma característica muito presente nas regiões estudadas nessa pesquisa, é a unidade familiar. Ela constitui para os agricultores um centro aglutinador da sua organização de vida. A solidez do grupo familiar, a organização comunitária, a vida social nela desenvolvida, a necessidade de fixação em um local, a ética do trabalho, a sociabilidade comunitária, etc., são elementos que complementam-se na constituição do sujeito destes locais.

Assim, a família mesmo que redefinida e alterando-se continuamente, o trabalho e a terra formam categorias do *ethos* de agricultor (a) que se relacionam com o conjunto de suas representações. É nesse horizonte, que não é harmônico, mas tenso e conflituoso, que se materializam aprendizagens no interior das estruturas normativas e do patrimônio cultural (*habitus*) do agricultor (TEDESCO, 1999 *apud* STROPASOLAS, 2006).

O ritmo das mudanças nas relações sociais e de trabalho no campo transforma as noções de "urbano" e "rural" em categorias simbólicas construídas a partir de representações sociais que, em algumas regiões, não mais correspondem às distintas realidades cultural e social. Sendo dessa forma cada vez mais difícil delimitar fronteiras claras entre as cidades e os pequenos vilarejos ou arraiais a partir de uma classificação sustentada em atividades econômicas ou mesmo em hábitos culturais (CARNEIRO, 1998).

Entre os diversos estudos sobre a temática abordada, dois são de grande recorrência na literatura atual, um deles é a tendência imigratória dos jovens, em grande

parte justificada por uma visão relativamente negativa da atividade agrícola e dos benefícios que ela propicia e outra refere-se às características ou problemas existentes na transferência dos estabelecimentos agrícolas familiares à nova geração (BRUMER, 2006).

O casamento talvez seja uma das categorias culturais mais importantes para a análise das relações no campo. Para Woortmann (1995), o casamento não é uma simples escolha individual, pois na sua concepção não são apenas dois indivíduos que se casam, mas duas famílias que entram em acordo. O casamento assume assim, um papel crucial na sucessão patrimonial e na reprodução social da agricultura familiar.

Assim, família, igreja e escola, tinham, até muito recentemente, em comum o fato de agirem sobre as estruturas inconscientes dos moradores do campo.

### **1.1.1 Jovens e Autonomia**

Muito da literatura sobre o universo rural tem ressaltado que nas formas sociais camponesas sempre houve um espaço restrito para a expressão das expectativas e valores dos jovens, tendo em vista que os padrões culturais que influenciam a reprodução social de categorias nucleantes, como o trabalho familiar, o patrimônio da propriedade e o casamento, definiam papéis que subordinavam as aspirações pessoais dos membros da família aos interesses coletivos, cerceando a liberdade e a participação dos jovens no processo decisório. Para as moças cabia um papel hierarquicamente inferior, seja no casamento, seja no processo sucessório (ABRAMOVAY, 1997).

Relacionado com o tema permanência no meio rural, pesquisas demonstram, dentre os motivos que levam à migração campo-cidade, a desvalorização feminina refletida na auto-estima da “jovem”, além do fato da sucessão (estratificação) da propriedade dar-se geralmente ao filho homem. A incorporação da dimensão como a questão de gênero no desenvolvimento local também se apresenta crucial à análise do rural e deve ser considerada, principalmente, pela ocorrência do processo de masculinização do campo (CARNEIRO e CASTRO, 2007).

Na pesquisa realizada com jovens rurais no oeste catarinense (SILVESTRO; ABRAMOVAY, 2001) embora se constate a presença de diálogos em vários aspectos concernentes ao destino da propriedade, é ainda precária a autonomia dos jovens no interior da família, isto é, poucos tem recursos, iniciativas próprias e até uma conta bancária. No caso das moças, a esta falta de autonomia os autores acrescentam a ausência de horizonte quanto a assumir a responsabilidade na gestão do estabelecimento.

Assim, os reflexos do descontentamento dos filhos(as) são manifestos, nas representações de recusa da condição de agricultor(a).

Quanto à igreja, principalmente a católica que mais influencia as regiões pesquisadas, para Stropasolas (2006, p. 40-41), marcada pelo antifeminismo profundo de um clero pronto a condenar todas as faltas femininas à decência, e a reproduzir uma visão pessimista das mulheres e da feminilidade, injetava uma moral familiarista, dominada por valores patriarcais e ainda por cima pelo dogma da inferioridade feminina.

Já a escola, permite uma redefinição de lugar e do papel ocupado por essa instituição na reprodução social do grupo doméstico, e se torna uma estratégia importante, particularmente para as mulheres, de “mudar” o modo de vida. Conforme Stropasolas (2006, p. 40-41), a postura destas instituições influenciou efetivamente sobre as representações que os agricultores e agricultoras fazem de si mesmos e dos outros. Tais representações se manifestam nas concepções em torno da afetividade, corpo, família, casamento, trabalho, lazer, e outras categorias que constituem o núcleo cultural dos grupos sociais pesquisados, cujas representações são explicitadas a partir das representações dos filhos e filhas de agricultores familiares.

Se antes, na década de 1960, os códigos éticos e morais estimulavam a mulher a permanecer no campo como um elo fundamental na reprodução. A saída das filhas, hoje, é incentivado até um certo ponto pelos pais, mas até a casa de familiares ou conhecidos, na qualidade de doméstica, por exemplo, ou para trabalhar em empresas agroindustriais.

Nos últimos anos podemos observar que alguns movimentos ligados às mulheres do campo, influenciaram não somente para acabar com a invisibilidade do trabalho feminino nesse setor, mas também se iniciou o questionamento de pressupostos de que a família rural se comporta como se fosse um único indivíduo, tal a identidade de valores e práticas entre seus membros.

Assim, a vigência de problemas estruturais na sociedade rural, as desigualdades sociais e a reprodução de padrões culturais com hierarquias de poder no seio da agricultura familiar são, assim, os principais fatores de saída das mulheres do campo (STROPASOLAS, 2006).

Segundo Bourdieu (1979, p.24) citado por Stropasolas (2006, p. 42) os agentes que opõe a mais fraca resistência às forças de atração externas, que percebem mais cedo e melhor as vantagens associadas à emigração, são os menos ligados objetiva e subjetivamente à terra e a casa pelo fato de serem mulheres, filhos caçulas ou pobres.

A vida no campo pode também parecer mais atraente para os rapazes do que para as moças. Se eles herdarem terras ou tem apoio para levar adiante atividades produtivas, podem elaborar projetos de vida que são alternativas válidas ao invés de emigrar. Já para as moças, a vida como esposa e agricultora – conhecendo outras alternativas possíveis – pode ser rejeitada ou objeto de resistência, frente a aspirações de vida em outro meio cultural e ocupacional. Por outro lado o desenvolvimento de novas tecnologias, e a incorporação destas nos sistemas produtivos, não fez com que a vida das mulheres no campo ficasse mais fácil, pois as mesmas ainda são submetidas a longas jornadas de trabalho, entre os afazeres da casa, jardim, horta e campo.

Diversos indicadores vem expressando modificações nos comportamentos e expectativas da população rural, a partir de uma maior interação com os valores e símbolos urbanos, particularmente entre os jovens, emergindo conflito de interesses entre os diversos grupos sociais rurais (WANDERLEY, 2000).

Para Magno, Doula e Pinto (2011), de fato, a construção da identidade do jovem rural é constantemente influenciada pelo universo urbano; essa confluência se deve às novas experiências espaciais e comunicacionais que vivenciamos atualmente, colocando “o trânsito” entre o rural e o urbano como um processo constante. Assim, não podemos analisar esse segmento da população rural como se estivesse isolado, tão pouco devemos conduzir políticas públicas apenas na esfera econômica, somente à produção agrícola, por exemplo.

Uma vertente do pensamento social vem propondo a “urbanização” do campo, estendendo ao campo os benefícios do progresso civilizatório e cívico das cidades, e ao mesmo tempo a “ruralização” das cidades, desde o estímulo à agricultura intra-urbana até a recuperação dos ambientes naturais (SACHS; ABRAMOVAY, 1996).

A reprodução da hierarquia urbano-rural, segundo Magno, Doula, Pinto (2011), tem perpetuado a construção de preconceitos e de relações de subalternidade, nas quais se considera o morar e o trabalhar no campo como uma condição desvalorizada cultural e socialmente. Além disso, não se resolve o “problema” do “ficar” ou do “sair” do campo apenas com ações no mundo do trabalho agrícola, como pretendem as atuais políticas públicas brasileiras destinadas à juventude rural.

Nesse sentido, para Castro (2009), uma das primeiras considerações a serem feitas quando direcionamos políticas públicas para o segmento juvenil da população rural é avaliar as demandas dos próprios jovens, a necessidade de observar a diversidade e “especificidades da realidade da(s) juventude(s) rural(is)”. Segundo a autora, as pesquisas

com a juventude rural brasileira têm apontado que os jovens preferem permanecer no campo, desde que não seja para trabalhar exclusivamente nas atividades agrícolas e que sejam satisfeitas suas necessidades básicas de educação, lazer e cultura.

Para aprofundar esses aspectos, a Psicologia do Desenvolvimento é disciplina base, porque estuda ao desenvolvimento da psique ao longo da vida da pessoa. Faremos uso dos pressupostos desta teoria, para compreender quais os fatores ou causas que influenciam o desenvolvimento e quais impedem o desenvolvimento do indivíduo.

## 1.2 TEORIAS E ABORDAGENS SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE DO JOVEM

A personalidade e suas possíveis teorias a respeito de seu surgimento tornam-se restringidas e limitadas a determinadas correntes de pensamentos. Definir o que vem a ser personalidade requer um estudo que exige a busca e interrelação de diferentes estudos e temas desenvolvidos e/ou aprimorados. E aqui em especial a construção da personalidade do jovem.

Conforme Barbieri (2003), as diferentes teorias, como a biológica, sociológica, psicanalítica, soviética, psicológicas existenciais e humanistas, vêem estes mesmos jovens de distintas formas. Basearemos-nos nesta autora para explicitar cada uma delas.

Segundo ela, há as teorias biológicas, que consideram a juventude, uma etapa da evolução do organismo, elegendo como parâmetros os processos biológicos como origem e causa de todos os demais processos do desenvolvimento.

As teorias sociais dão a primazia, nesta fase da juventude, para a socialização, na qual os problemas individuais têm sua origem vinculada aos problemas sociais, ou seja, aos papéis sociais que o ser humano deve assumir na formação de suas orientações de valor.

As teorias psicanalísticas vêem na juventude uma das etapas do desenvolvimento psicosssexual, focando o processo interno do desenvolvimento da personalidade, em especial na elaboração de conflitos entre as instâncias psíquicas consciente e inconsciente.

Já a ciência soviética considera que o problema da idade juvenil deve ser estudado em toda sua complexidade, combinando o enfoque psicossociológico com a consideração das leis interiores do desenvolvimento psicológico. O que pode ser um trabalho bem complexo, uma vez que nem sempre são coincidentes os ritmos e fases do desenvolvimento psicofisiológico com os períodos de amadurecimento social.

Já as teorias psicológicas existenciais e humanistas, se concentram nas leis da evolução psíquica, no mundo interior e da autoconsciência.

### *O que é a idade?*

De acordo com a professora da Faculdade de Psicologia, da Universidade Estatal de São Petersburgo, Larissa Golovei (2012), quando falamos de desenvolvimento é importante considerar a idade. Idade é degrau do desenvolvimento psíquico da pessoa que tem limite temporal e se caracteriza pelo conjunto de traços lógicos, fisiológicos e psicológicos, não ligadas ao desenvolvimento das particularidades individuais. Por exemplo, é característica da criança de 1 ano falar, andar, independente dos aspectos individuais da criança.

### *Tipos de idades*

Na Psicologia do Desenvolvimento o conceito de idade é complexo, pois envolve aspectos biológicos, psicológicos e sociais, e nos basearemos em Golovei (2012), para nos aproximar dessas definições:

1. Idade **cronológica**, segundo a data de nascimento

Mas para a Psicologia do Desenvolvimento são muito mais importantes essas três:

2. Idade **biológica**: são os indicadores biológicos. Intenso na infância, decrescente na idade madura. Também se caracteriza pela manutenção ou desgaste do organismo. Duas pessoas com igual idade cronológica podem ter idade biológica diferente. Isso se vê também na aparência, que pode ser mais ou menos. O corpo registra a idade biológica.
3. Idade **psicológica**: determina o grau de maturidade da pessoa (moral, intelectual, psíquico-sexual). Depende da correlação na psique da pessoa entre o passado e o futuro. Quanto mais planos e perspectivas de vida tiver a pessoa, mais jovem será psicologicamente. Ou seja, quanto mais ação criativa, quanto mais estiver focado na perspectiva futura do que preso no passado, mais será jovem. Se houve um trauma, uma doença grave, isso afeta a idade psicológica, ele fica focado no passado quando estava bem, quando podia ainda fazer algo, e em relação ao futuro não planeja, o futuro psicológico é pequeno, limitado. Isso aumenta a idade psicológica. Precisa reorientar a vida em perspectiva futura.
4. Idade **social**: avaliada segundo o grau de correspondência com as normas existentes na cultura. Precisa equilíbrio entre os papéis sociais que desempenha e os papéis que a sociedade em que vive aceita como norma. Por exemplo, aos 40 anos ainda não tem independência financeira, mora com os pais.

Para entender estes conceitos sobre as idades, é importante entender e associar o conceito de crise. Crise é a contradição sócio-psicológica acompanhada de emoções negativas e possível desorganização do comportamento.

A crise surge se houver contradição entre a exigência individual do período crítico e a pressão do meio. Se no período crítico se realiza a estruturação dos sistemas internos, da psique e das relações, a crise não se estabelece. Dá-se tão somente a passagem gradual de uma etapa a outra. Se, ao contrário, há uma grande contradição entre as novas necessidades da fase e o meio, dá-se a crise.

Antes os períodos críticos se restringiam à idade infantil, hoje se fala do período crítico dos 18- 20 anos: faz escolha profissional, tenta ocupar lugar de adulto, separa-se dos pais, assume mais responsabilidade.

Outro período é de 30-35 anos: crise de realizações em que já começou a trabalhar e começa a comparar os seus resultados e dos outros e fica insatisfeito com as escolhas, com os êxitos atingidos, tenta encontrar uma saída para essa crise;

A seguinte é de 40 ou de meia idade ou crise existencial ou crise do sentido da vida: em que começa a ver que a vida tem fim e revisar o que fez e começa a se sentir menos atraente, com funções do organismo não tão boas. Começa a pensar no sentido da vida, nesse período se efetua toda reestruturação séria de toda personalidade da pessoa, reorientação a partir do seu eu e exigências de outras pessoas nesse período. Pensa mais na sua utilidade para a sociedade, para os outros. Resolve para si as questões dos valores de sua vida futura, o que vale ou não vale a pena fazer. Se a pessoa vê o sentido apenas na beleza começa a se perder.

No entanto, para o Professor Meneghetti quando trata dos “Jovens e a Ética Ôntica” (2013, p. 29-37) é importante dar atenção ao conceito de “devir existencial”, ou seja, quais são as passagens psicológicas, os módulos comportamentais – economia, sexo, mentalidade, business, evolução, etc. – ou seja, aqueles aspectos que materialmente nos tocam a cada dia, dentro e fora de nós.

Por natureza, segundo este autor, um indivíduo deveria se desenvolver segundo algumas fases progressivas:

Fase I: até os 6 anos de idade o sujeito alcança a *realização físico-biológico-psíquica*.

Fase II: dos 6 aos 14 anos: tem-se a maturação *psicorracional*, forma-se a *consciência*.

A criança aos 6 anos (alguns antes até), já tem a capacidade de ser livre, distinguir, refletir. É capaz de usar racionalidade – ver, confrontar, escolher - capaz de autodeterminismo. Inicia a primeira forma de consciência reflexiva, voluntária. Esse processo se intensifica e varia até os 14 anos. Nessa idade se forma o caráter, se alcança a completude fisiológica.

Fase III: dos 14 aos 24 anos é o período da plenitude, da abundância e da maturidade da vida. É a fase de máxima virtualidade e fertilidade intelectual. É o período mais rico da vida: o



sujeito possui uma vontade e uma força (capacidade) de realizar qualquer processo, novidade, metabolização, aprendizagem, enriquecimento.

Fase IV: entre os 24 e os 34 anos tem-se a plenitude para a visão ôntica: o sujeito começa a perceber o universo infinito de si mesmo. Desenvolve uma psicologia territorial, uma forma de atitude a poder se tornar um raio de poder, de ação, de presença. Neste período realiza toda autonomia e liberdade. Substancialmente, na quarta fase o sujeito realizou o pleno de 1) saúde; 2) economia; 3) liberdade; 4) ambição.

Fase V: dos 34 anos em diante, atua-se a *metempsi*, ou seja, a intuição ôntica: o sujeito compreende e vê a transfiguração da existência no ser. Existe aqui e além: tem um corpo, é frágil, mas a sua mente já é aberta ao todo, ao ser em si. Mas é um “*live to be*” aqui, agora, assim, não é depois da morte.

Diante dessas exposições, podemos inferir que quando se trata da idade juvenil, deve-se estudar toda sua complexidade, combinando o enfoque psicossociológico com a consideração do desenvolvimento psicológico, focando o processo interno do desenvolvimento da personalidade, em especial na elaboração de conflitos entre as instâncias psíquicas consciente e inconsciente. O que pode ser um trabalho bem complexo, uma vez que nem sempre são coincidentes os ritmos e fases do desenvolvimento psicofisiológico com os períodos de amadurecimento social. E por tratar de social, ainda temos a influência do ambiente sobre o sujeito. E esse tema tratamos nesse próximo sub-capítulo.

### 1.3 AMBIENTE E AUTORREALIZAÇÃO

*E pratico jardinagem. Nas manhãs que não tenho tempo... sinto-me logrado. Meu jardim me coloca diante da mesma questão intrigante que tentei responder durante toda a minha vida profissional: Quais as condições favoráveis ao crescimento? Mas, em meu jardim, embora as frustrações sejam imediatas, os resultados, sejam eles positivos ou negativos, tornam-se visíveis mais rapidamente. [...]*  
(ROGERS, 1977, p.45).

Na história da humanidade sempre se procurou, em diferentes culturas, o que pode levar o homem a autorrealização. A realização esteve sempre coligada com a visão de homem, partindo do ponto de vista da ética, sociedade, religião, biológico, humanista, etc.

Para Heller (1985, p. 17), a “vida cotidiana é a vida de todo homem e do homem inteiro”, no sentido de que todos a vivem - independentemente do lugar que ocupam na divisão social do trabalho, ou seja, colocando em funcionamento “todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias”. Este todo, de homem inteiro, ao qual se refere Heller, está intrinsecamente relacionado ao autoconhecimento. O autoconhecimento tem um valor especial para o próprio indivíduo. Uma pessoa que se tornou “consciente de si mesma” por meio de perguntas que lhe foram feitas está em melhor posição de prever e controlar seu próprio comportamento (SKINNER, 1974, p. 31).

Mas e do ponto de vista psicológico, quem pode medir a alma? Então aparecem os psicólogos que dizem que a psicologia deve ser uma ciência não sobre a alma, mas sobre o comportamento. Por que? Porque se pode observar o comportamento, pode-se medi-lo e pode-se fazer os experimentos com o comportamento. Os Behavioristas elaboram a sua própria visão sobre a natureza da pessoa. Fazendo seus experimentos de reflexos e de comportamentos da pessoa, chegam a uma visão e um ponto de vista diferente de um ponto de vista da psicanálise. Eles pensam que o comportamento da pessoa não é consequência dos impulsos da consciência, mas exclusivamente do ambiente externo. Eles introduzem na psicologia uma fórmula famosa, qual seja: estímulo → reação/resposta. E --> R

A reação é o comportamento da pessoa no sentido mais amplo desta palavra, das emoções até as condutas. Se quisermos compreender as ações/comportamentos da pessoa, em primeiro lugar teremos de olhar para o ambiente externo, o qual influencia a pessoa; é que a pessoa é um ente muito flexível. Podemos facilmente modificar as pessoas colocando-as em diferentes contextos/ambientes.

Outro autor que desenvolveu um entendimento diferente do que o é homem e sua relação com o meio ambiente foi Sigmund Freud.

Freud, acreditava que, assim como em qualquer esfera da vida do indivíduo, nada acontece por acaso na vida psíquica, pois há uma causa para cada pensamento, ação, sentimento ou memória revivida. Tudo o que ocorre é em consequência de uma intenção consciente ou inconsciente, que por sua vez, é determinado por fatos que o precederam tais pensamentos, sentimentos ou ações. Dessa maneira, segundo Freud, não há descontinuidade na vida mental, e tudo o que acontece é em consequência de algo subjacente que o determina a acontecer (FADIMAN e FRAGER, 1986).

Freud conseguiu, através de sua experiência clínica, elaborar como se estrutura a personalidade humana, mostrando que ela é fruto de vários conflitos providos da

infância, que por sua vez, determinam a posterior vida adulta, determinando o seu humor, seu caráter, a escolha de um parceiro e sua vocação profissional.

Na Psicanálise de Freud, no relacionamento indivíduo - ambiente, introduz-se a teoria dos instintos. Os instintos são as necessidades biológicas e psicológicas do indivíduo, sendo necessária à satisfação deles. Cada instinto tem seu próprio objeto preciso a se satisfazer. O instinto não é o estado corporal, mas, a necessidade corporal se transformou em um estado mental, um desejo. Quando o corpo está em um estado de necessidade, a pessoa tem a sensação de tensão ou pressão. A meta do instinto é satisfazer a necessidade e, assim, reduzir a tensão (SCHULTZ; SCHULTZ, 2002, p. 47). Então você percebe, de acordo com a teoria freudiana, que o homem percebe/realiza que seu instinto, enquanto ele se torna consciente. E se você não percebe, torna-se ainda mais inconsciente de si mesmo.

A concepção organísmica ou global de Rogers de acordo com Barbieri (2003), traz consigo o conceito de que não é possível estabelecer um desenvolvimento psicológico equilibrado sem seu correspondente crescimento somático, o conceito de “compenetração e inseparabilidade dos aspectos físicos e psíquicos do organismo”. Ou seja, um processo de modificação psicológica traz consigo uma ressonância no campo fisiológico, de modo que sempre exista um eco em cada um dos campos, gerando um equilíbrio correspondente nos aspectos seqüenciais.

O ambiente é o campo determinante de interação para o desenvolvimento das duas potencialidades, de tal modo que se o ambiente fornece os meios para satisfazer as necessidades que se originam na tendência atualizante, garante-se a conservação e promoção do desenvolvimento pessoal.

Para Vygotsky, para quem a história humana é fruto da transformação dialética homem-natureza.

Ainda para Rogers, segundo Barbieri (2003, p. 9) o ser humano é constituído de certos elementos permanentes, porém, em evolução. É um ato dinâmico, ou um ato implícito que se explicita por força da tendência atualizante relacionada às condições externas do ambiente. “uma pessoa é simultaneamente atualidade e potencialidade”. Este seria o primeiro princípio de constituição da pessoa. O segundo princípio é a afirmação de si mesmo e a proteção do eu (*self*). Toda pessoa existente apresenta a característica de querer afirmar-se e a necessidade de proteger o seu eu. Ou seja, Rogers propõe que a maior força motriz da personalidade é o impulso para a realização do *self*, e essa ansiedade para a auto-realização é inata no ser humano (SCHULTZ ; SCHULTZ, 2007 p.416). O ser humano tem uma tendência atualizante, o que seria um impulso em direção à auto-realização.

A noção da percepção é subjetiva. Esta noção – a da percepção - é antiga e não é exclusiva de Rogers. “Essa idéia, chamada fenomenologia , argumenta que a única realidade da qual podemos estar seguros é o nosso próprio mundo de experiências, a nossa percepção interna da realidade” Na visão de Rogers, o ponto de vista mais importante sobre o nosso mundo experiencial é que ele é particular e, dessa forma, pode ser completamente conhecido somente por nós”(SCHULTZ; SCHULTZ, 2002 p.318 ). Para a realização do indivíduo, é necessário a formação da visão de si mesmo, porque isso está na imagem de quem somos e o que deveríamos ser (p. 319).

Maslow apresenta, em 1942, a sua “teoria da motivação”, na qual busca condensar todas as concepções que lhe parecem verdadeiras, de acordo com a prática terapêutica. Nesta teoria, procura superar o pensamento que entende o comportamento do homem em função da superação de necessidades e conseqüente estado de quietude, em favor de uma teoria de meta-motivação, que se centra no desenvolvimento, na auto-realização, na qual a satisfação de uma necessidade comporta um inevitável crescimento, colocando o sujeito em um nível superior, em um processo que tende ao constante desenvolvimento atualizante da própria personalidade.

Para Maslow a auto-realização, não é um único ponto de chegada, um desfecho final, e sim, sucessivos momentos de desenvolvimento em que a pessoa é plenamente funcional, plenamente humana. Assim, foca as suas pesquisas no homem sadio e auto-realizado. Através da análise das vidas, valores e atitudes das pessoas consideradas mais sadias, criativas.

O trabalho de Maslow sobre o homem auto-atualizado ou auto-realização, foi inspirado em Goldstein, que foi o primeiro a usar o termo. Goldstein enfatizou que o organismo é um todo unificado, que é afetado na sua totalidade pelo que acontece em qualquer de uma de suas partes.

Maslow definiu vagamente o termo auto-atualização como o “uso e a exploração plenos de talentos, capacidades, potencialidades, etc.” (FADIMAN; FRAGER, 1986). A vida das pessoas auto-atualizantes era exemplo do descobrimento e desenvolvimento de suas potencialidades.

Para a Psicologia Humanista, o problema principal não é adaptação. A pessoa quer mais. Não se trata de falta de adaptação, mas a tarefa principal e vital da pessoa é a auto-atualização. Então a vida se compreende pela constante atualização de si mesma.

Auto-atualização é a tendência do indivíduo para tornar-se em ato aquilo que ele é em potência. Esta tendência também pode ser descrita como o desejo de se tornar cada vez mais aquilo que se é, e de se tornar tudo aquilo que somos capazes de nos tornar. A forma

específica através da qual as necessidades de auto-atualização assumirão varia significativamente conforme a pessoa: para uma pode ser tornar-se uma boa mãe, para outro pode ser tornar-se um bom atleta, enquanto outro pode satisfazer suas necessidades de atualização do self através da pintura (Maslow, 1943). Em outras palavras, estas pessoas são, para Winnicott (1975, p. 95), saudáveis, pois sua criatividade é a base de sua vida. Contudo, os indivíduos auto-atualizantes são, de certa forma, muito diferentes das demais pessoas, como se eles próprios fossem mais do que humanos (Maslow, 1971, pg. 42). Mais do que uma característica estanque da personalidade, a auto-atualização é um processo contínuo de concretização de nosso potencial pessoal (Fadiman; Frager, 2004). Contudo, foram identificados 15 traços de personalidade que todos os indivíduos auto-atualizantes pesquisados possuem.

Características do indivíduo auto-atualizante segundo Maslow, citadas por Fadiman e Frager (2004, p. 392):

1. Percepção mais eficiente da realidade e relações mais confortáveis com ela;
2. Aceitação: de si mesmo, dos outros, da natureza;
3. Espontaneidade, simplicidade, naturalidade;
4. Centrado em problemas, ao invés de centrado no ego;
5. Qualidade de desapego, necessidade de privacidade;
6. Autonomia, independência de cultura e ambiente;
7. Constante frescor de apreciação;
8. Experiências místicas e culminantes;
9. *Gemeinschaftsgefühl* (sentimento de irmandade e afinidade com os outros);
10. Relações interpessoais mais íntimas e profundas;
11. Estrutura de caráter democrática;
12. Discriminação entre meios e fins, entre bem e mal;
13. Senso de humor filosófico, sem hostilidade;
14. Criatividade auto-realizadora;
15. Resistência à aculturação, transcendência a qualquer cultura particular.

A Professora da Universidade Estatal de São Petersburgo, Natália Grishna, em sua aula, “Paradigma Humanista da Psicologia”, em 2012<sup>1</sup>, explica, de acordo com sua visão, essas 15 características que Maslow descreve da pessoa auto-atualizante:

---

<sup>1</sup> Alguns termos podem não estar na concordância ao português, uma vez que foi uma aula proferida em russo e traduzida simultaneamente para o português por uma tradutora.

1. *Abordagem construtiva para com a realidade.*  
Relações mais satisfatórias com a realidade, isto é, Maslow nem sempre esclarece bem, mas é uma visão construtiva, positiva, o que permite não se fixar nos aspectos negativos da realidade, mas ver os positivos.
2. *Aceitação de si, do outro, do mundo ao redor assim como são.*  
Essa é uma característica importante para a saúde da pessoa. Aceitar-se não significa não querer mudar, melhorar, mas a mudança só pode ser feita a partir do que sou; Aceitação de si significa a prontidão para ser o que sou. Vivemos na cultura da comparação e isso trás problemas. As pessoas querem ter e viver a vida de outros e não a sua. A aceitação de si e do outro significa, portanto, que eu sou eu, o outro é o outro, você é você.
3. *Naturalidade, simplicidade e espontaneidade.* Caráter imediatista. Tais características libertam do condicionamento. É a liberdade de ser a si mesmo.
4. *Concentração no seu problema, em oposição ao estar centrado no ego:* Maslow escreve que todas as pessoas auto-atualizantes eram leais às causas de que se ocupavam, eram fieis.
5. *A qualidade do desprendimento, a necessidade de privacidade.* Capacidade de distanciar-se das condições concretas do contexto. Capacidade da pessoa de ocupar-se de si e do negócio em qualquer circunstância.
6. *Autonomia:* independência dos estereótipos culturais do ambiente.
7. *Frescor nas percepções.* Ou seja, pureza permanente de percepção. Achar tempo pra o bom livro, jantar com os amigos, passeio ao ar livre, para assim afastar-se do contexto e manter este frescor de percepção da vida, das cores, dos perfumes. O desejo de manter o gosto pela vida.
8. *Peak experience:* experiências ponta, culminantes de todas as vivências. Significa os momentos de “estado de graça”, momentos que chegam de modo inesperado. Não são preparados, é uma espécie de saída do estado normal. A sensação de desaparecimento do limite entre eu-mundo. Tocamos o Ser! Ao descrever a experiência há emoção, ainda que tenha acontecido há tempo... são momentos de solidão eu-ser. Maslow descreveu a peak experience, ligando-a à religião.
9. *O sentido de comunhão com os problemas comuns humanos e ao contexto amplo.*  
Lembremos as palavras e ações do Professor Meneghetti: ninguém duvida que ele é pessoa muito concentrada em si, nos seus próprios negócios mas muito preocupado

com os problemas do mundo, da economia, política, de muitos países. Isso é pensamento planetário.

10. *Relações interpessoais mais profundas e intensas*: são pessoas mais profundas, seletivas e selecionadas nas relações com as pessoas.
11. *Caráter democrático*: espécie de espontaneidade e negligência com as relações hierárquicas.
12. *Ética constante/estável*: capacidade de distinguir os meios, os métodos, e os fins, os objetivos; distinguir o bem e o mal. Essas características têm a ver com nossa vida cotidiana. Por ex. o dinheiro é um meio ou um fim? Deve ser um meio, mas para muitos torna-se o fim, o objetivo de toda uma vida. Desse modo tentam ganhar muito sem nem saber o porquê.
13. *O sentido de humor filosófico e não hostil*: ajuda a superar os problemas e situações frustrantes da vida.
14. *Criatividade em diferentes esferas de vida*: não são no sentido estreito de criatividade mas em sentido amplo. Maslow escreve: uma mulher o convida para almoçar. Almoço requintado, mesa bela. Havia muito mais criatividade do que na amiga que tocava violoncelo repetindo obras de outros autores que ela tinha aprendido com horas e horas de repetições.
15. *Resistência à aculturação*: oposição a qualquer estereótipo cultural imposto.

De acordo com a Ghishna (2012), se queremos saber o que é possível alcançar como ser humano, como pessoa, não se pode estabelecer como parâmetro as pessoas comuns, medíocres. Ao seu trabalho, à sua abordagem, Maslow denominou “estatística dos melhores”, em que as pessoas criativas, realizadas, auto-atualizantes, são um exemplo para tantas.

Maslow diz que as pessoas auto-atualizantes são pessoas, especialmente, em que elas próprias não se privaram de nada. Cada um tem um grande potencial e na maioria dos casos a pessoa não se realiza. Qual é o real obstáculo? O maior inimigo é a própria pessoa. A falta de confiança em si. O medo diante da vida. A escolha errada dos meios. A coragem insuficiente diante da vida. Nós nos privamos da vida e diante da vida. No entanto, a auto-atualização não é falta de problemas, é um movimento dos problemas irrealis, temporários, para os problemas reais. Os problemas reais são aqueles pelos quais vale a pena viver. O que dá sentido à vida e ao meu lugar na vida? Qual o sentido? Se a pessoa tem complexos, frustrações, ela sofre. Na essência, nossa maturidade é sair disso, dos problemas irrealis e entrar nos problemas reais (GHISHNA, 2012).

A tendência a auto-atualização é a forma pela qual esta natureza sadia continua a manifestar-se. Portanto, uma pesquisa sobre a natureza e o desenvolvimento humano, para este autor, parte da observação de indivíduos sadios e auto-realizados. Maslow afirma que estes indivíduos partiram da satisfação de suas necessidades instintuais fundamentais, as quais se organizam de forma hierárquica (pirâmide das necessidades instintuais fundamentais).

Para o nosso estudo também é importante a origem da motivação. Segundo Barbieri (2003, p. 15), para Maslow a motivação ao desenvolvimento pode ter duas razões. No primeiro, ela se motiva pela gratificação num sistema carência – necessidade – gratificação. Assim, a origem da motivação está no contexto externo, onde se encontra a gratificação, o que torna o sujeito dependente do mundo. Na segunda razão, a motivação tem por base a auto-realização, e nele o sujeito busca no interior da sua própria experiência a norma-guia, para o seu desenvolvimento. Aqui, existe maior espontaneidade, maior aceitação de si e dos outros, caráter mais democrático, maior flexibilidade no sistema de valores, presença de humor benevolente, filosófico, maior criatividade e maior frequência de “*peak experience*” (experiência-ponta).

Maslow propõe uma ciência humanística, baseada em valores humanos, descobertos e não inventados, que são a via do progressivo desenvolvimento, da potencia do ser humano. Estes valores são pertencentes à estrutura fundante da espécie humana, mesmo que observados de forma limitada (BARBIERI, 2003).

Nos anos de 1980, as posições de Maslow e Rogers são discutidas. Segundo a professora Grishna (2012) em sua aula sobre “Paradigma Humanista da Psicologia”, começa uma nova corrente, a Psicologia Existencial.

O objeto de atenção dos psicólogos existenciais é o sentido da vida, a liberdade da pessoa no mundo, suas relações com o mundo, a morte, a vida, etc. Os psicólogos existenciais não deixam de lado outros aspectos da psicologia mas complementam com a visão existencial. Outra diferença, os psicólogos existenciais afirmam que a vida é uma série de escolhas, ela pode escolher a auto-atualização ou não. Somos o resultado de nossas escolhas. Criamos a nós por uma serie de escolhas. Onde está a fonte do sentido autêntico da vida? O instante da *peak experience* evidencia à pessoa que há algo mais, são os momentos de contato com o ser, unidade com o ser. Nesse contato com o ser é que se dá a plenitude da vida... (GRISHNA, 2012).

A psicologia existencial tem paralelos com a Ontopsicologia. Uma das definições que o professor Meneghetti dá de Ontopsicologia como análise do ser antropológico da pessoa em todas as manifestações.



Alem disso na Ontopsicologia tem grande importância o conceito de escolha. A responsabilidade da pessoa pela sua vida.

#### 1.4 A ONTOPSICOLOGIA E A RELAÇÃO HOMEM - AMBIENTE

Se não educamos o homem para que se humanize nestas condições ele saberá tratar o ambiente? Qual critério? Aquele que tem os valores e os agentes que respondem as exigências da condição humana. Restituir o homem para restituir a dignidade do homem, e assim em ação com a complementaridade com o ambiente, entre organismo humano e ambiente.

Para Vidor<sup>2</sup>, se o homem não entende a si mesmo não sabe organizar o ambiente para sua saúde. Precisamos centralizar na perfeição. O aperfeiçoamento do ambiente. Para tal, o primeiro aspecto é o corpo, depois a casa e por fim o ambiente – sociedade (VIDOR, 2013a).

Para envolver a relação entre homem e ambiente entende-se ser fundamental esclarecer alguns conceitos elementares que norteiam este estudo. De acordo com o Professor Alécio Vidor<sup>3</sup>, “O nosso planeta é um planeta vivo, então temos a vida. O que é a vida? A vida, na origem da palavra é *vis = força*, então é a força que dá origem a tudo o que nasce. Tudo o que nasce pertence à natureza, e natureza vem de *natus = nascer, oritur = gerar- aquilo que se origina nascendo pertence a natureza.*” (VIDOR, 2013b). Por natureza entende-se tudo o que tem origem, tudo o que surge por nascimento; significa tudo o que a ação da mente põe ou faz nascer e escorre ou age por si. O termo é aplicável em escalas diferentes, por exemplo: natureza animal, natureza vegetal, natureza humana, etc. (VIDOR, 2009, p. 153). Ao usarmos o termo natureza nesse texto, sempre a entendemos como natureza humana.

A natureza é a espécie que identifica uma pluralidade de indivíduos. A natureza, portanto, se coloca antes de nós e é o interior dela que nós existimos. A natureza dá forma humana e por natureza nós somos todos iguais. A natureza é a essência através da qual acontece a presença pessoa. (VIDOR, 2009, p. 153)

O ser humano pertence ao grande projeto da vida, é posto e por ela é sustentado. Meneghetti (2011, p. 19) busca o significado do termo vida que deriva dos antigos pais da linguagem quando as simbolizavam em sua verdade. *Vida* deriva do termo *vis* que significa “*força, impulso, ímpeto, potência*. *Vis* como vida: a vida é o lugar da

<sup>2</sup> VIDOR, Alécio. **Orientações**. Recanto Maestro: RS 2013a. Entrevista concedida a Claudiane Weber

<sup>3</sup> VIDOR, Alécio. **Orientação para elaboração de monografia**. Recanto Maestro: RS 2013b. Entrevista concedida a Almir Francisco Foletto.

vis, o lugar da força”. A vida então é potência, força, impulso, é o primeiro ponto de partida, isto é, aquilo que “dá origem a tudo o que nasce” (VIDOR, 2013b). Ou seja, não apenas nasce mas a força continua, faz constantemente nascimento no movimento dinâmico e contínuo da *vis*. Essa é uma força que escorre sempre, é constante movimento de nascimento. E, “tudo o que nasce pertence à natureza, natureza significa, aquilo que se origina nascendo” (VIDOR, 2013b). Em Meneghetti natureza significa “o que surge por nascimento. Como o nascido, o feito, escorre ou age per si. O que é e faz por nascimento das leis universais aplicadas a um contexto preciso” (MENEGHETTI, 2012, p. 185).

O ser humano pertence a esta ordem universal, logo possui dentro de si a força que escorre sempre e age por si. E, “dentro da natureza tem um ser que tem a competência, o potencial de ser o reflexo inteligente desta natureza” (VIDOR, 2013b). Dentre os seres vivos, o homem é o ser que possui a capacidade de reflexão, de compreensão, possui a capacidade de, sendo parte desta ordem, compreendê-la para fazê-la evoluir criativamente dentro desta ordem universal da vida (FOLETTTO, 2013).

A natureza não tem opinião<sup>4</sup>, tem projetos, eternamente fiel a si mesma. Na natureza, todo ser vivo, seja animal ou planta, sabe exatamente o que fazer em cada momento. Todos os seres fazem parte da mesma ordem universal, existe uma unidade de ação que é a mesma em todos os seres. É impossível o homem viver fora do seu habitat, ele é constantemente o nutriz, o homem nesse sentido, não possui autonomia, depende do dinamismo da vida, da sua constante ação. É parte desse contexto da vida, é gerado por ela e constantemente alimentado por ela. Nós fazemos parte deste projeto, esta parte do projeto é inflexível, inderrogável, não podemos contradizê-lo, senão a pena é a morte, é a autodestruição. Uma outra parte deste projeto é livre, é aberta, podemos continuá-lo, podemos continuá-lo em evolução infinita, desde que não seja jamais contraditada a base elementar deste projeto. É escrito com a simplicidade das leis universais do cosmos.

É essencial ao homem ter a compreensão disso, porque dele depende realização de sua função como espécie nesta ordem universal da vida. Os outros seres “também são reflexo da natureza, só que não são inteligentes. [...] se fazemos uma digressão, um animal ou uma árvore atua em modo inteligente, mas sem o reflexo. O animal é um executor de uma inteligência que age nele e ele não reflete”. (VIDOR, 2013a). Por exemplo, se soltar um boi no campo ele não apenas encontra água para tomar como também comida para se nutrir “ele já cumpre uma ordem que está inerente na vida dele sem ter a compreensão desta ordem, a planta é a mesma coisa” (VIDOR, 2013a). Logo, eles seguem a intencionalidade da sua natureza, porém não possuem a especificidade da reflexão.

---

<sup>4</sup> Trecho da fala do Prof. Meneghetti no vídeo sobre O Que é Ontopsicologia? Produzido pela Associação Internacional de Ontopsicologia.

Nós somos continuamente gerados pela vida. O indivíduo é a resultante de numerosas vetorialidades do dinamismo vital. Mesmo depois do nascimento, ele jamais é realmente autônomo, uma vez que é sustentado constantemente por esse habitat. Se a vida parasse de repente por um só instante, o ser humano jamais teria existido; ele vive porque na sua aparente autonomia está sempre imerso no contínuo dinâmico da vida, ou agente universal, ou hipercampo. (MENEGETTI, 2010, p. 210-211).

O homem é parte da natureza e para participar desta ordem deve partir da seguinte premissa: para “ser um instrumento exato, deve seguir a intencionalidade de natureza” (2011, p. 12). Analisando o conceito de homem, pode-se compreender que também remete a sua constituição terrena, conforme Meneghetti (2012, p. 128)

Lat. *homo*, da *humus* = terra, terrestre. Lat. *Esse in humo* = o ente localizado e feito no e do planeta Terra. Unidade de ação histórico -espiritual construída por um projeto ôntico em acontecimento terrestre, com faculdade ou funções inteligentes, racionais, emocionais, biológicas. Individuação histórica localizada no planeta Terra, com propriedades sinérgicas de matéria e inteligência ôntica.

A partir deste conceito é evidente que o ser humano é um ser que está em correlação com o tempo e espaço específico. Para a raça humana, este lugar é o planeta Terra. Ou seja, a inteligência humana acontece desta forma e com esta forma, porque acontece em um espaço que tem certas características. É necessário que a identidade do homem leva a partir do seu meio ambiente.

Por isso, de acordo com Foletto (2013), o ser humano é um ente constituído, feito e localizado em um ambiente, em um espaço e um tempo e com específicas funções. As funções ou faculdades humanas de acordo com Meneghetti são quatro: biológica, inteligência, razão, emoção. No dicionário de Ontopsicologia (2012) são definidos como: biológica que significa a lógica da vida, ou seja, tem um corpo que funciona conforme as mesmas leis universais do cosmos. A inteligência que significa “ler dentro a ação, compreender dentro” (p. 139), a razão significa “faculdade de verificar o igual” (p. 230), emoção significa “reação orgânica (ou neurorgânica) por variação psíquica, ambiental ou de relação” (p. 83) .

O ser humano além de ser constituído pelo húmus terrestre está nele, assim o corpo para o ser humano é a sua primeira terra, a sua primeira casa, assim como a terra é o seu lugar, a sua morada (FOLETTTO, 2013). E, se o homem não estiver nesta ordem, conforme a sua função, perde a sua força, perde a *vis*. Então,

qual é a responsabilidade do homem por ser uma inteligência reflexiva de compreensão? É colaborar naquilo que exige as mutações da terra. Porque, se tu plantou, e ela precisa de adubo tu tens que colocar o adubo. Tu homem é o

responsável para colaborar na atividade dela e em retorno tu vai ter dela tudo o que tu necessita para manter a tua vida, porque tu é a imagem dela, é um constituído sintético dos ingredientes da terra. Até a composição química é igual. O homem é um constituído equivalente a ela, e na relação com ela é o homem que tem que ir descobrindo o que serve e o que não serve a ele mas também tudo aquilo que serve e não serve para ela (VIDOR, 2013b).

Deste modo, também a alma do homem é conexas com a alma do mundo, o corpo do homem é semelhante a tudo que existe na natureza e o homem possui assim como a árvore a capacidade de vir a tornar-se o que é (VIDOR, *apud* FOLETTO, 2013).

Os psicólogos humanistas afirmam que a maioria dos processos de desenvolvimento, como por exemplo, o desenvolvimento físico, social, terminam com a maturidade; mas há um desenvolvimento que não termina nunca, que é o desenvolvimento pessoal. Esse desenvolvimento pessoal continua durante toda a vida, basta não paramos. O adulto sofre crises, altos e baixos, no entanto, faz parte da normalidade sofrer tais crises.

Os problemas das pessoas sadias são outros, não são as doenças, as neuroses, mas são novas buscas, são alcançar novas vitórias. No Manual de Ontopsicologia, o Professor Meneghetti afirma que a vida é o nascimento do Eu, a morte é o fim do nascimento do Eu, nesse sentido, nossa regressão pessoal não precisa coincidir necessariamente com a morte física. Nossa regressão de vida pode acontecer antes da pessoa morrer; muitas pessoas morrem sem nascer (Grishna, 2012).

Finalizando, a Escola Ontopsicológica, nascido na década de 70, tem como objetivo o desenvolvimento do sujeito segundo a sua própria identidade para ser um ente realizado aqui e agora. O homem, deve coincidir com o que ele é, sabe e faz.

## 1.5 A DÍADE JOVEM - AMBIENTE

*“Toda a vida é uma díade, é o movimento, o proceder da vida.”*  
(MENEGETTI, 2010)

É o homem que gera o ambiente ou é o ambiente que gera o homem? É o homem que condiciona o ambiente ou é por esse condicionado? “A contínua reciprocidade do problema é fato evidente porque cada ação humana desloca um equilíbrio ambiental e cada ambiente é provocador da ação do homem” (ROZANSKI, 1992, p. 31).

Neste sub-capítulo faremos o uso da terminologia segundo a Ontopsicologia. Desta forma, de acordo com Meneghetti (2010, p. 235), díade é do grego = dois. Significa “movimento a dois, onde um movente não pode agir sem o coincidente heteromovente. É uma unidade de ação que parte de dois centros, dos quais um não pode viver sem a coexistência do outro pólo.” Ou seja, a díade é algo de ineliminável na realidade do ser humano.

Ambiente do lat. *ambitus entis* = o cerco ou espaço daquele ente. Colocação de sentido de uma individuação em um inteiro. Espaço territorial ou mental de uma individuação, de uma relação ou de uma asserção dinâmica. Espaço de interação de um sujeito: essa interação pode reforçar ou desagregar seja o sujeito que as suas relações (MENEGHETTI, 2012). O horizonte que tenho presente.

É importante notar que na própria definição do conceito, Meneghetti explicita que a interação homem-ambiente pode reforçar a identidade ou reforçar a patologia. O ambiente nunca é neutro na interação com o sujeito: ou amplia ou reduz.

O homem encontra-se continuamente no interior de um processo diádico. A visão que o indivíduo tem de si mesmo e como ele interage com ele mesmo e com os outros, que produzem uma relação dinâmica em contexto único atuada por campo semântico, é uma díade contínua que ele faz em suas relações e com o meio ambiente. O ser humano é um ente social, também é constituído por tudo o que o rodeia, por exemplo, em relações sociais, de negócios, amizades ou ainda no corpo humano, ao exemplificar que os pulmões não podem se ativar sem o oxigênio.

Ainda para este autor, a díade é um conceito mais forte que simbiose, porque a relação diádica implica absoluta necessidade do outro. Transferindo este conceito na relação mãe-filho, que é a relação diádica, dita primitiva, e necessária para todos os seres humanos. É fundamental destacar, que cada ser humano aprende não apenas seus modos lógicos mas também emotivos dentro da primeira relação diádica. O homem sadio, como todas as crianças, nasce e sofre o ambiente familiar e a semântica prioritária do adulto-mãe<sup>5</sup>; porém, em um período compreendido entre os seis e os dezoito anos, inicia a ruptura da díade abrindo-se à policultura da própria virtualidade existencial.

---

<sup>5</sup> Adulto-mãe, para a Ontopsicologia, não se entende necessariamente a mãe biológica, mas o adulto que tem em mãos o metabolismo da criança, aquele que estrutura o primeiro ponto de segurança afetiva. Por adulto-mãe, se entende o adulto que dá mais gratificações, por isso é a criança que escolhe a preferencialidade afetiva.

Um ser humano faz a seleção de toda a sua vida (e suas relações) baseada nesta matriz determinada na infância pela díade<sup>6</sup>. Matriz no sentido que faz “*imprinting*”, isto é torna-se o programa ou código base de todas as experiências sucessivas. Ou seja, de acordo com Meneghetti (2010, p236-237) historicamente a maioria dos seres humanos permanece de algum modo ligado à díade primitiva. No interior da primeira relação fundamental indivíduo-família, a mãe – e, através dela, a família e a sociedade – estabelece o tipo de comportamento no sujeito.

Essa matriz, a seguir, dá a direção ineliminável e invariável para toda a existência do adulto. Quase sempre se evidencia como complexo dominante. Esse prevalece sobre todas as outras possibilidades de comportamento, por isso, na vida – para fazer negócios, ciência, política – o sujeito escolherá somente o tipo de mulher ou de homem definido pela primeira díade.

É como se a díade impusesse uma *língua-mãe*, uma educação-base, e somente as pessoas, coisas e situações conforme a essa linha-base, podem ser escolhidas pelo sujeito; as outras não são vistas.

A criança, por uma necessidade biológica de dependência, é forçada a aprender e metabolizar o ambiente social pela forma como a mãe dá identidade ao real. A família funciona como um *chip*, isto é, a placa que consente a passagem energética apenas na direção prefixada. Por isso o pequeno, qualquer coisa que queira ou faça (quer água, leite, os brinquedos, tem sono, tem enurese, tem medos), reage e resolve as suas necessidades segundo o modo de resposta da mãe. *A criança estrutura a própria tipologia modulando-se sobre a tipologia materna* (grifo do autor, MENEGHETTI, 2010).

Desta forma, enquanto a criança é pequena (do nascimento até dez-doze anos), o adulto-mãe é suficiente para responder as exigências, mas então esta criança vai se formando adolescente, começa a necessidade de resposta às progressivas exigências de adulto, (quer outros amigos ou parceiro, desenvolvem-se as necessidades sexuais, vai para a escola e deve responder às exigências da cultura social superior, quer motocicleta, o automóvel, etc.) a antiga díade é insuficiente. Nesse ponto, o jovem, não tendo a satisfação e sendo incapaz de realizar as suas exigências superiores, cai em frustração.

Quando era pequeno, se a mãe não respondia, o filho chorava, fazia caprichos ou adoentava. Já adulto, quando não tiver a resposta equivalente às suas exigências, reagirá com uma estática angustia existencial (que corresponde aos antigos caprichos), ou com uma doença psicossomática.

---

<sup>6</sup> Podemos classificar 4 tipos de díade: 1. Tanático-regressiva; 2. Repetitiva obsessiva; 3. Evolutiva; 4. Provisória-ocasional. Para saber mais, consultar o MENEGHETTI, A. *Manual de Ontopsicologia*. Recanto Maestro: Onto Ed, 2010.

É nesta situação que começa a dificuldade, pois o indivíduo diante de um problema, na incapacidade de resolvê-lo, desencadeia-se a coação a repetir, ou seja, o sujeito não é novo nas soluções, mas repetitivo. Age a coação a repetir com seleção temática, ou seja, é forçado a conviver com outro sujeito ou ambiente que lhe repita o antigo estilo aprendido com o adulto-mãe. Ainda que perca a mãe biológica, continua a agir duplamente; tem sempre a necessidade deste vínculo.

A raiz desta má formação ambiental está ligada a uma cisão do Em Si ôntico. Esta ocorre nos primeiros anos de vida. Quando se estrutura também o inconsciente.

Esta informação atua como matriz, se estrutura como mecanismo que distorce e subverte a intenção natural da vida e introduz o programa alienante nos processos lógicos, de modo que a consciência das pessoas não mais reflete do modo exato, mas só segundo o programado. O resultado dessa distorção é o quadro de frustração, apatia, desânimo em que as pessoas se encontram. É a incapacidade de lidar racionalmente consigo mesmos e com o ambiente. Experimenta-se modificar a legislação, instituir novas leis, eliminar injustiças, etc, mas o problema permanece (ROZANSKI, 1992, p. 31-32).

De fato, o sujeito não se sabe, não se conhece, não se compreende, não saboreia a vida. Muitas vezes apenas suporta a existência. Contudo, a vida é movimento, regido pela mudança contínua, sem nunca fixar-se. É, no dizer de Rozanski (1992, p. 32). “uma adaptação e desadaptação constante.”

A vida tem uma ordem e uma sabedoria. Nela é impossível o erro. O erro está nas decisões que o homem toma e quanto mais se dificulta ou se impede a expressão dessa ordem natural, mais se prova angustia.

Não se pode compreender o indivíduo sem compreender o ambiente no qual está inserido, e vice versa. É preciso restituir o homem a si mesmo, dar-lhe o completo domínio de si mesmo, da própria energia psíquica na sua realização histórica. E esta é uma tarefa individual, é uma conquista pessoal. Para um desenvolvimento criativo, cada um deve aceitar a díade como metamorfose e inovação, não como coação a repetir. “A díade não pode ser eliminada: deve ser anulada como repetição cíclica e recuperada como elemento de desenvolvimento da criatividade.” (MENEGETTI, 2010).

Cada indivíduo tem a sua própria ordem, a sua própria determinação. O ambiente faz luz a partir da ordem que cada individuação é. Observamos cada órgão do organismo humano, mesmo fisicamente distinto, se move de forma única, o olho vê, mas é o pé que avança e é a mão que colhe a flor. Ou se observarmos o trabalho das células: há células que se encarregam da nutrição, do oxigênio. Outras da defesa, outras sustentação, etc., porém, todas elas

trabalham, nenhuma fica inativa, nenhuma sustenta a outra. Do trabalho individual de cada uma, nasce a harmonia do todo. Se a vida é deixada livre para fluir, a ordem é (ROZANSKI, 1992, p. 31-32).

Quando o sujeito, em face a uma problemática, cai em frustração, são possíveis apenas dois tipos de destinos: a) ou encontra um substituto materno que o gratifica e o substitui; b) ou desencadeiam automaticamente os velhos mecanismos de defesa, isto é, aquelas estratégias de ação que o sujeito aprendeu na díade, como táticas para reforçar a relação com a mãe, para a ter próxima a si. O primitivo mecanismo de defesa que, na infância, pode ser positivo, quando adulto, torna-se armadilha mortal para o Eu. Esse mecanismo torna-se uma memória que se aciona automaticamente em caso de dificuldade.

A mudança deve ser atuada no interior das situações que se apresentam, é dos pequenos fatos do dia a dia, aquele miricismo cotidiano, que derivam as ações vencedoras e perdedoras. É preciso arriscar-se em muitos jogos para vencer naquele que escolhemos como jogo-mestre.

Na natureza existe uma ordem, esta ordem estabelece a ética, ou seja, o modo de relação e, é apenas neste contexto que existem os mais fortes. “Na natureza tem uma ética que onde há mais vida há mais direito. É uma ética da natureza [...] em que prevalece aquele que tem mais vida, mais força. Na vida não tem o programa, o projeto do erro, ela é sempre a exatidão” (VIDOR, 2013a).

O Professor Meneghetti pergunta, como devemos fazer para saber quem, entre o sujeito e o ambiente, está em perda? Como individuar, no âmbito de uma interação, a pessoa que se coloca de maneira disfuncional? Como fazer para encontrar o erro? Uma forma seria a verificação global do ambiente em todos os seus aspectos e a análise do sujeito, porém este é um procedimento muito longo. Sabe-se que opera no indivíduo o inconsciente, o qual parece mais inteligente do que o mundo externo. Assim, o método ontopsicológico, através da leitura dos “anagramas” oníricos do sujeito, consente saber se a disfunção depende do ambiente ou da pessoa (unidade de ação). Em qualquer momento da díade, pode-se conhecer, a cada instante, onde está o defeito e como resolver. Os sonhos são projeções de como a ação se posiciona e definem os investimentos intencionais do sujeito, segundo o critério da sanidade e do crescimento individual.

E, então também através do processo psicoterápico que se pode ter um cenário mais amplo para a relação diádica. A Ontopsicologia consiste em restabelecer a relação diádica com o Ser. “O homem que pode viver um contato íntimo com sua sociedade sem ser tragado



por ela nem dela completamente afastado é um homem bem integrado [...]. O objetivo da Psicoterapia é justamente criar tal homem” (PERLS, 1981, p.40).

Ao impactar uma realidade, uma nova relação, E sair ser vencedor, e não sofredor da relação diádica o indivíduo deve usar sempre três critérios. O primeiro consiste em auscultar a resposta organísmica, ou seja, a reação visceral. Se o sinal retorna ressoante e ampliador, pode-se começar a confiar. Ao contrário, advertindo um frio, uma rigidez, uma conexão de articulações metálicas, o sujeito deve se fechar e ir embora. Para ser exato, a cada momento, em cada relação, é preciso estar em guarda. Significa vigiar o miricismo cotidiano dos impactos, as interações emotivas (um modo de sorrir, de apresentar-se, etc.)

O segundo critério a seguir é que cada impacto relacional é preciso ter sempre claro em o escopo, a motivação daquela díade. Por qual motivo se está naquela relação. Caso seja pelo dinheiro, estão é necessário pensar somente nesse objetivo.

O terceiro critério, uma vez formalizado o escopo da relação e vigiado o miricismo dos impactos emocionais, o critério a ser seguido é manter o próprio profissionalismo e uma profunda dignidade de si mesmo.

Não evoluímos e não nos autorrealizamos pessoalmente se nos limitarmos à instrução da ideologia social. Temos que despertar para a necessidade de nos responsabilizarmos pela construção de nosso valor pessoal.

## CAPÍTULO II - PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

O desenvolvimento de pesquisas permite um processo contínuo de conscientização sobre os aspectos teóricos da realidade e investigação. Deste resulta que, a partir de um corpo teórico adaptado para a problemática, sempre adicionado ao conhecimento já desenvolvido, podem gerar novas formas de compreensão do jovem e do mundo que o circunda e, nesta pesquisa, mais especificamente os jovens do campo e o seu ambiente. *Quem são, e como são estes jovens, de pequenas propriedades rurais, que decidem permanecer no campo, e serão os responsáveis pela gestão da agricultura e do meio rural brasileiro daqui para frente. Como se dá esta relação diádica entre jovem e ambiente.*

Essa pesquisa caracteriza-se como sendo de natureza *quali-quantitativa*, visto que o problema sugere a utilização das duas abordagens. Desta forma, parte do problema será esclarecido na perspectiva qualitativa e a outra, na quantitativa.

Para Minayo (1994), a abordagem qualitativa preocupa-se com um nível da realidade que não pode ser quantificado. Objetivando dar maior especificidade e detalhes no estudo, optou-se, também, por utilizar a abordagem quantitativa. Para Chizzotti (2003, p. 84), algumas pesquisas qualitativas “não descartam a coleta de dados quantitativos, principalmente na etapa exploratória de campo ou nas etapas em que estes dados podem mostrar uma relação mais exata dos fenômenos particulares”. Portanto, neste levantamento de informações, a opção por dados quantitativos, representados nas questões fechadas, complementam as informações qualitativas.

Cada pesquisa tem um **objetivo** específico, contudo é possível agrupar as mais diversas pesquisas em certo grupo. A classificação mais utilizada é a proposta por Sabino (1979) na qual se refere a pesquisas exploratórias, descritivas e explicativas. Do ponto de vista dos objetivos, para a presente pesquisa foi utilizada a pesquisa *exploratória-descritiva*, tendo em vista a necessidade de mensurar a congruência entre grupos de dados coletados.

É *exploratória*, pois segundo Triviños (1987, p. 109), “os estudos exploratórios permitem ao investigador o aumento de sua experiência em torno de determinado problema”.

A pesquisa *descritiva*, de acordo com Manzato e Santos (20012, p.4) busca conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social, política, econômica e demais aspectos do comportamento humano, tanto do indivíduo tomado isoladamente como de grupos e comunidades mais complexas, e cujo registro não consta de documentos.

## 2.1 TAREFAS DA PESQUISA

1. Esta pesquisa será desenvolvida acerca da temática da psicologia social e das relações, da autorrealização e da permanência do jovem no campo. Quais valores, interesses, internalidades e responsabilidades estão ligadas à permanência.
2. No entender da psicologia humanista, o homem sabendo atender as necessidades próprias sabe entender como atender a natureza. Se o homem não entende a si mesmo, não sabe organizar o ambiente para sua saúde. Com base a isso, a pesquisa procurará responder se este jovem sabe, como centro operativo, individuar e aplicar em cada situação a medida exata para se aproximar de uma ação perfeita.
3. Tanto a filosofia como a psicologia definem que o ambiente influe sobre o homem. Dentro deste princípio, procuramos entender através das “relações de díade”, termo da Ontopsicologia, que díades este jovem tem com o ambiente, para que possa lhe proporcionar resultados essenciais a sua vida e à autorrealização.
4. Sendo que o comportamento humano também varia de acordo com o ambiente, de acordo com Lewin, a pesquisa será desenvolvida sob o ponto de vista de verificar a relação entre o desenvolvimento individual e social de acordo com os princípios da economia e cultura.
5. Do ponto de vista das relações de trabalho, as ciências sociais e humanas, em especial a sociologia tem se preocupado em estudar muitos conflitos do homem no campo. De modo, que as relações de trabalho, geralmente ingressam nas temáticas dos problemas sociais relativos à terra, e suas trajetórias de vida, nos quais estão centrados os laços com a família e a comunidade.

## 2.2 OBJETIVOS DA PESQUISA

### **Objetivo Geral**

Investigar como se dá a relação diádica do jovem rural, com o meio ambiente.

### **Objetivos Específicos**

- a) Compreender como se dão as relações jovem-trabalho.
- b) Levantar quais valores, interesses, internalidades e responsabilidades estão ligadas à permanência e a saída. Ou seja, quais fatores contribuíram para a decisão de ficar ou migrar.

c) Saber se este jovem tem consciência de que é um centro operativo, e se esta escolha está ligada a autorrealização.

## 2.3 OBJETO DA PESQUISA

Como já ilustrato no capítulo anterior, os princípios desenvolvidos pela filosofia e psicologia são os de que o homem prestes a ser realizado, também está contido em um lugar que reforça a sua identidade. No dizer de Meneghetti,

O meu conselho prático é canalizar a própria intencionalidade psíquica no ecossistema que nos sustenta, nos gera, nos define biologicamente, nos habita e que – portanto – determina para o humano um lugar eficiente e uma especificidade tipológica capaz de garantir e manter sanidade. A sanidade é capacidade, atitude, possibilidade concreta de dar uma estrutura mais eficiente à própria realização. (2011, p. 286).

Do ponto de vista da investigação, trata-se de trabalhar com jovens ligados ao setor primário da economia que possui relações com a identidade do Brasil desde seu primeiro período histórico. Os muitos estudos que se fazem sobre o meio rural, sempre enfocam os aspectos econômicos, técnicos, climáticos, de solo, entre outros. As condições de vida dos trabalhadores do campo ainda é muito insipiente, mais ainda quando se busca desenvolver um estudo que estuda o processo humano, a relação do homem com o ambiente.

Os conceitos-chave que originaram a questão investigada são creditados fundamentalmente à obra de Vygotsky, para quem a história humana é fruto da transformação dialética homem-natureza. Na perspectiva deste autor, a ocorrência dessa transformação dupla e simultânea se deve ao fato de a atividade humana ser caracteristicamente mediada por instrumentos técnicos e semióticos.

De acordo com Cord (2004), deve ser objetivo do pesquisador em ciências humanas focalizar os fatos – no caso deste estudo, a díade homem e ambiente - sem perder a riqueza do objeto; ou seja, ao invés de focalizar a aparência externa do fenômeno, buscar apreender a expressão sógnica produzida pelos sujeitos e, de certo modo, recriada na relação com o pesquisador. Ainda segundo esta autora, essa “perspectiva valoriza, na análise, a mútua determinação entre os aspectos descritivos e perceptivos”, ou seja, não rejeita “a explicação das idiossincrasias fenotípicas correntes, mas, ao contrário, subordina-as à descoberta de sua origem real” (VYGOTSKY, 1991, p. 73) como forma de contemplar a particularidade como parte da totalidade. Isto é, entende-se que, ao “resgatar a expressão sógnica produzida por sujeitos particulares – considerando-se que o processo de constituição desses sujeitos encerra a relação dialógica indivíduo/sociedade – pode-se chegar a uma compreensão do contexto em

suas interações e influências recíprocas” (CORD, 2004). Desse modo, a investigação é levada a termo numa situação que, longe de ser criada artificialmente, vai se definindo ao acontecer. É este acontecimento que se procura fazer conhecer ao final do estudo.

## 2.4 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Teremos que saber dos jovens, quais os motivos de permanecer no campo e que fazem migrar. Assim, serão comparados 2 (dois) grupos de jovens. Grupo G1 - os que querem ficar/permanecer no campo. E Grupo G2 - os que saíram do campo.

Os Grupos G1 e G2 foram compostos por 34 jovens de 17 a 36 anos, de ambos os sexos, são de comunidade rurais de descendentes de imigrantes de origem européia, mais especificamente de origem italiana, alemã, russa, entre outros.

A amostra caracteriza-se por ser *não-aleatória* e *intencional* quando, a partir das atividades de observação participante, foi possível identificar a participação de diferentes jovens ao reconhecimento dos porta-vozes dentro dos diferentes subgrupos existentes.

As atividades de coleta foram efetivadas envolvendo os jovens rurais da região Sul do Brasil, mais precisamente do extremo-oeste do Estado de Santa Catarina, no município de São Carlos. No Estado do Rio Grande do Sul, na região central, denominada Quarta Colônia<sup>7</sup>. Escolhemos também um município do Estado do Mato Grosso, a cidade de Lucas do Rio Verde, por neste local se constituir de um município criado por colonos vindos do Sul do Brasil, e ainda hoje ser um pólo de migração para muitos jovens provenientes desta região.

Estes locais foram escolhidos, em virtude da vivência e a aproximação nestes espaços com a pesquisadora. Como pesquisadora participante, tive oportunidade de obter um conhecimento preliminar das principais características socioeconômicas e ambientais que definem essas localidades e os grupos sociais nela residentes. As informações foram adquiridas através da participação na vida cotidiana destas populações, seja durante a infância e adolescência, ou no exercício de atividades profissionais, ou ainda no tempo destinado à pesquisa propriamente dita.

Também outro fator importante, é grande parte dos municípios destas regiões, caracterizar-se pela influência muito forte de valores rurais na população que vive na cidade e uma interação também importante dos agricultores com valores e símbolos “urbanos”. Outro

---

<sup>7</sup> A Quarta-Colônia é constituída por nove municípios: Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Restinga Seca, Silveira Martins e São João do Polêsine. O nome surgiu, por ser a Quarta Colônia Imperial de Imigração Italiana, a quarta área onde foram distribuídas terras para os italianos que imigraram, no final do século passado, para o Estado.

aspecto é que estas comunidades rurais do Sul do Brasil<sup>8</sup>, são consideradas colônias fortes. Contudo, a falta de perspectivas, o descontentamento, a vontade de mudar e a migração, com características e intensidades diferentes, estão presentes, ou seja, não são somente as condições econômicas para explicar o problema.

Outra questão importante para a escolha destes locais na Região Sul, é o fato que em tais agrupamentos sociais, se constituírem em *comunidades rurais*<sup>9</sup>. Formados por descendentes de imigrantes europeus, mais especificamente de origem italiana, alemã, russa, entre outros. A palavra colônia (Kolonie) significa a área rural, assim como colono (Kolonist) é a categoria usada para representar o homem do campo, descendente de imigrantes europeus. Woortmann (1995, p. 16) conceitua o termo colônia como a parcela em que se realiza o trabalho familiar, assim como a região ocupada por imigrantes e seus descendentes. Em qualquer de seus sentidos, o termo se associa à família e ao trabalho.

Já a cidade Lucas do Rio Verde, localizada no Estado do Mato Grosso, é uma região com o sistema de produção voltado ao Agronegócio, ou seja, com o predomínio de fazendas com grandes extensões de terras, e atrai muitos jovens para trabalhar nas fazendas e também na cidade. E a escolha, se deu, para verificar como estão estes jovens que migraram para o Centro-Oeste, em relação aos que permaneceram na região Sul. Estes, na pesquisa, foram incluídos no Grupo G2.

## 2.5 MÉTODOS E PROGRAMA - O PERCURSO DA PESQUISA

O delineamento dos procedimentos adotados para a **coleta de dados**, do ponto de vista técnico, de acordo com Gil (2002) caracteriza-se como *pesquisa participante*. A pesquisa participante, se desenvolve a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas.

Quando se torna difícil coletar dados apenas por observação, geralmente, utilizam-se técnicas para se obter as informações desejadas. Para coletar as informações foram usados dois instrumentos principais .

a ) Observações e entrevistas: com as pessoas dos Grupos G1 e G2, objetivando efetuar a correlação entre os dois grupos.

---

<sup>8</sup> Região Sul do Brasil, é constituído pelos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, e Paraná. Onde predomina a agricultura familiar.

<sup>9</sup> Compõe a noção de comunidade rural a organização e o tamanho do povoamento, a forma de organização do espaço, as relações constitutivas de seu espaço e deste com a cidade.

b) Questionário: contendo questões objetivas e subjetivas. Um mesmo questionário para os dois grupos.

Considerando que os aportes teórico e metodológico são inseparáveis, partiu-se da combinação entre exploração teórico-conceitual e incursões no campo.

As incursões iniciais em campo (durante o ano de 2013-2014) consistiram em análise documental, observação participante e não participante, e incluíram: participação em reunião do grupo de jovens de uma das comunidades do interior do município de São Carlos (Santa Catarina).

O objetivo dessa fase exploratória era caracterizar o contexto e os sujeitos da pesquisa. Para tanto, utilizou-se a *abordagem objetiva* descrita por Bogdan e Biklen (1994, p. 115) como aquela em que o pesquisador “explicita os seus interesses e tenta que os sujeitos que vai estudar cooperem consigo”. A forma de registro das observações foi diversificada, incluindo anotações sistemáticas em diários de campo.

A segunda fase envolveu a realização de entrevistas semi-estruturadas. O procedimento incluiu a estruturação de questões gerais, a partir das quais os entrevistados discorreram sobre fatos históricos relacionados ao mundo rural no horizonte dos jovens e o seu contexto, relacionando-os a mudanças na sua história de vida, no modo de vida da comunidade e na atividade de produção e trabalho.

A escolha dos sujeitos da pesquisa foi sendo construída já na primeira fase do projeto. A amostra caracteriza-se por ser não-aleatória e intencional quando, a partir das atividades de observação participante, foi possível identificar a participação de diferentes jovens na explicitação de temas tratados em reunião, bem como ao reconhecimento dos porta-vozes dentro dos diferentes subgrupos que existem.

Inicialmente, foram identificados 15 (quinze) possíveis sujeitos participantes do estudo, para as entrevistas. Sendo 8 (oito) jovens que moram e trabalham no campo, no interior de São Carlos; tendo sua renda econômica totalmente voltada à produção, e se declararam agricultores. E, 4 (quatro) que estudam e moram na cidade quais se encontravam, no momento da pesquisa, mais voltados ao estudo, e envolvidos em atividades voltadas para a cidade. E outros 2 (dois) que exercem atividades econômicas ligadas com centros urbanos, mas residem no interior, no campo.

O registro dos dados das entrevistas ocorreu por meio de gravações em áudio, devidamente autorizadas pelos entrevistados. O principal objetivo dessa fase da pesquisa consistiu em depreender as significações da relação entre homem e ambiente.

Ao rastrear as informações desse modo, e ao efetuar as unidades de análise dos diferentes discursos mapeados, pode-se entender as características singulares da interação homem - ambiente, retratando-a como uma interação a partir da atuação de sujeitos, que desenvolvem vidas e ideias que espelham e ampliam aspectos presentes na realidade macrossocial.

E, por fim, saber que planejamentos possuem, do que pretendem fazer dentro de um período de tempo. Assim, para ver se as pessoas que vão para as cidades, tem algum plano realista. E as pessoas que ficam, se possuem planos mais realistas, eles estão lá, onde nasceram.

A fase seguinte consistiu na aplicação do questionário. O objetivo do questionário nessa pesquisa foi levantar informações a respeito de três grandes temas:

- a) Levantar o que ocorre na família;
- b) A visão que estas pessoas tem em relação ao trabalho, porque sem dúvida se permanecem no campo, precisam ser empregadas, ter renda;
- c) Se estão realizadas no que fazem.

Os questionários foram entregues pessoalmente. No entanto, suas respostas não foram preenchidas na presença de pesquisadores, sendo devolvidos em momentos diferentes – quando da finalização ou conveniência por parte dos respondentes. Foram distribuídos 50 questionários, apresentando uma taxa de retorno de 68% (34 questionários devolvidos). Assim, para esta pesquisa foram considerados todos os 33. O critério para a inclusão de um questionário na análise dos dados refere-se ao fato de descartar da pesquisa aqueles em que mais de dois terços das respostas se limitaram a uma única opção/resposta. Sendo assim, nenhum sujeito foi descartado.

## 2.6 HIPÓTESES DA PESQUISA

Parto da primeira hipótese, de que o movimento migratório e reivindicatório dos jovens explicita problemas que repercutem nas diversas dimensões do processo de desenvolvimento rural, e não se explicam, exclusivamente, pelo viés econômico. E assim, não tenham consciência da sua relação com o ambiente, e por isso buscam migrar para tentar a autorrealização. E mesmo os que permanecem, podem não ter esta consciência, e decidem ficar no campo em função de outros valores, como proximidade com a família, casamento, amizade, entre outros.



Tentando olhar por outro viés, a segunda hipótese, é que estes jovens permaneçam por haver no campo, o diferencial da responsabilidade e reciprocidade com o ambiente que faz florescer o espírito empreendedor, e assumir para si o protagonismo.

## 2.7 OS MÉTODOS DE ANÁLISE DE DADOS

Os dados quantitativos foram analisados por meio de frequências de análise estatística. Os qualitativos de acordo com a técnica de análise de conteúdo, que se caracteriza por " um conjunto de técnicas de análise de dados, se necessário, através de procedimentos sistemáticos e indicadores objetivos para obter a interferência do conhecimento sobre as condições de produção / recepção de mensagens" (Bardin , 1977 , p . 160 ). Ainda para esta autora, esta permite ao pesquisador superar as incertezas e o enriquecimento da leitura (reforçando ou cancelar a idéia inicial). Também foram estes os métodos empregados para a análise das entrevistas com os principais sujeitos.

E por fim, aliando todos estes instrumentos buscou-se possibilitar a emergência de um campo conceitual coeso, a partir do qual se pudessem alicerçar as bases para a elaboração de indicadores metodológicos voltados para projetos para os jovens de origens rurais em contextos sociais organizados.

## CAPÍTULO III - JOVEM – AMBIENTE Análise dos Dados

Nesse capítulo, analisamos as informações obtidas em nossa pesquisa *exploratória-descritiva*, objetiva explicar em profundidade o objeto investigado, investigar como se dá a relação diádica do jovem rural, com o meio ambiente, nos aspectos qualitativos e quantitativos, tendo em vista a necessidade de mensurar a congruência entre grupos de dados coletados. E o teste das hipóteses.

### 3.1 ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS GRUPOS

Nossa primeira análise foi em relação ao instrumento questionário, aplicado aos indivíduos dos Grupos G1 e G2, para assim efetuar a correlação entre os dois grupos.

#### Características da População da Amostra

A fim de verificar se as variáveis consideradas eram estatisticamente significativas para o tipo sexo, aplicou-se a análise comparativa do teste *qui-quadrado*. Os resultados pela análise através do teste do *qui-quadrado* em relação ao sexo feminino e masculino apresentaram poucas diferenças significativas.

No entanto, para conhecermos a população da amostra, uma apresentação de como se constitui este público pesquisado, pode ser verificado no Quadro 1, onde consta o percentual da idade e onde mora, se na cidade ou no campo.

Quadro 1: Idade e onde mora

<b>Idade (anos)</b>	<b>Geral</b>	<b>Sexo Feminino</b>	<b>Sexo Masculino</b>	<b>Mora no campo</b>	<b>Mora na cidade</b>
<b>Média</b>	26.65	27.14	25.85	26.47	26.87
<b>Desvio padrão</b>	5.48	4.71	6.66	6.22	4.56
<b>Mínimo</b>	17	18	17	17	20
<b>Máximo</b>	36	34	36	36	34

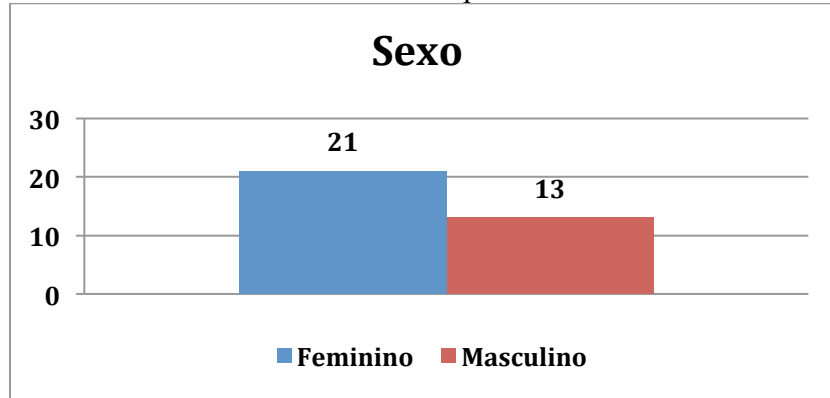
Fonte: dados da pesquisa (2014).

Temos então, de acordo com o Quadro 1, uma média geral de 26,6 anos, com o indivíduo mais jovem com 17 anos e o mais velho com 36 anos. Temos uma média de idade para os indivíduos do sexo feminino 27,1 anos e, para os indivíduos do sexo masculino 26,4 anos.

E uma amostragem muito similar para indivíduos que declaram que residem no interior e cidade. Estes dados se justificam, por ser uma amostra intencional, onde, para não prejudicar a pesquisa, se escolheu uma porcentagem equivalente da amostra. No entanto o pré-requisito era somente, se morava no interior/campo ou na cidade.

Temos, no entanto conforme gráfico 1, o número de indivíduos por sexo.

Gráfico 1: o número de indivíduos por sexo.



Fonte: dados da pesquisa (2014).

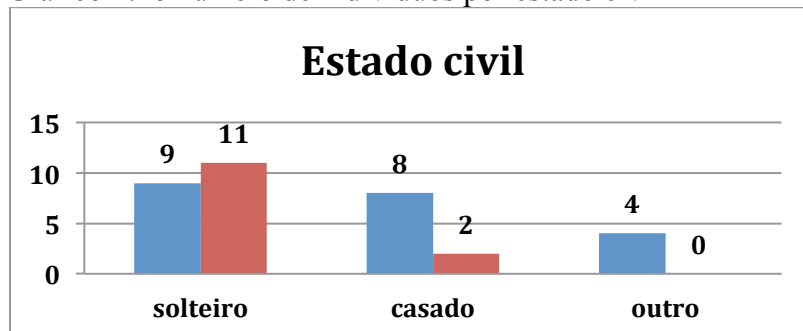
São assim, 21 indivíduos do sexo feminino e 13 do sexo masculino. Totalizando os 34 participantes da pesquisa.

### Estado Civil

Para entendermos, como se dá a relação de matrimônio, entre os 2 grupos, perguntamos se o indivíduo era solteiro, casado ou outro. A opção “outro”, quer dizer que o indivíduo tem um companheiro(a), mora com o namorado(a), mas ainda não oficializou legalmente a relação.

No gráfico 2 abaixo, as barras em azul, são indivíduos do G-2 (cidade) e em vermelho indivíduos do G-1 (campo).

Gráfico 2: o número de indivíduos por estado civil



Fonte: dados da pesquisa (2014).

Temos então apenas um dado significativo. Isso porque 4 respondentes do G-2 assinalaram esta opção enquanto que nenhum indivíduo do G1 assinalou esta opção. O que de certo modo demonstra que os participantes do G2 não estão preocupados com a formalização do casamento. Vivem numa união estável, sem se preocupar com aspectos religiosos ou da lei.

### Escolaridade

Perguntamos aos respondentes sobre o nível de escolaridade, pois segundo a literatura, muitos jovens migram, para poder estudar. Desta forma, o quadro 2 das respostas.

Quadro 2: *qui-quadrado* escolaridade entre grupos

escolaridade  
\* GRUPO

#### Tabulação cruzada

		GRUPO		Total	
		G-1	G-2		
escolaridade	fundamental	Contagem	0	1	1
		% dentro de GRUPO	,0%	5,3%	2,9%
	ensino médio	Contagem	7	1	8
		% dentro de GRUPO	46,7%	5,3%	23,5%
	cursando superior	Contagem	7	6	13
		% dentro de GRUPO	46,7%	31,6%	38,2%
	superior completo	Contagem	1	3	4
		% dentro de GRUPO	6,7%	15,8%	11,8%
	pós-graduação	Contagem	0	8	8
		% dentro de GRUPO	,0%	42,1%	23,5%
	Total	Contagem	15	19	34
		% dentro de GRUPO	100,0%	100,0%	100,0%

#### Testes de qui-quadrado

	Valor	df	Sig. Assint. (2 lados)
Qui-quadrado de Pearson	14,304a	4	,006

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Vemos, portanto, quadro 2 de qui-quadrado, uma diferença entre os grupos, enquanto no G1 (campo) a maioria dos jovens possui ensino médio 46,7% e na mesma proporção há também a opção cursando superior 46,7%. No Grupo 2 (cidade) há 31,6% dos jovens fazendo curso superior, enquanto que 42,8% possuem pós-graduação. Há 1 respondente que possui apenas curso fundamental, no entanto é um sujeito que mora entre interior e cidade, mas trabalha na cidade, portanto não migrou totalmente.

Outra constatação é a de que nenhum jovem do campo possui pós-graduação. E apenas um (1) com curso superior.

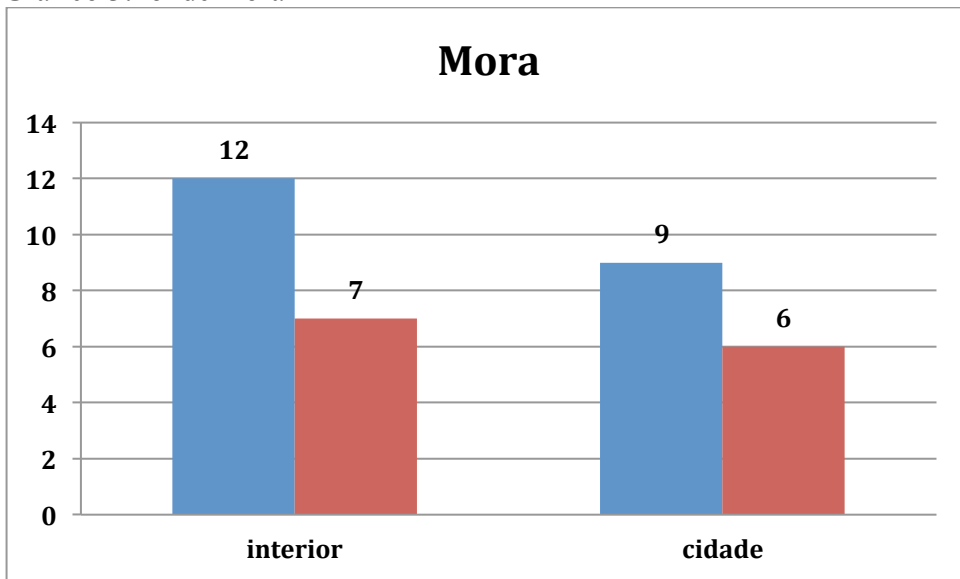
Ao entrevistar esta jovem, que possui curso superior do grupo G-1, a mesma relatou que foi um *“incentivo dos próprios pais, para que a mesma estudasse, já que os outros irmãos que migraram para a cidade também estavam fazendo curso superior.”* E, conseguiu concluir o curso superior, em função que na cidade se instalou um curso superior via Ensino a Distância, e assim pôde estudar, uma vez que não necessitava se deslocar todas os dias para a cidade. No entanto, ela relata que *“não havia muita opção de cursos, e a graduação que fiz, não tem muita relação com o que trabalho no campo. No entanto, gostei de ter podido estudar.”*

E ao comparar entre os sexos, quem tem a escolaridade mais alta. Na análise *do qui-quadrado*, o sexo feminino, possui uma escolaridade com taxas superiores em comparação a masculina. Indivíduos femininos, possuem a distribuição das taxas de escolaridades maiores entre os graus superior completo, 19% e pós-graduação 28,6%; já para os homens, na mesma faixa etária, a maioria possui o ensino médio e/ou está cursando superior 46,2%. Os dados apontam também que nenhum jovem do campo possui pós-graduação e somente uma possui graduação.

### Moradia

O principal fator para classificar a que grupo o sujeito pertencia, se a G-1 ou G-2 era o local em que morava.

Gráfico 3: onde mora



Fonte: dados da pesquisa (2014)

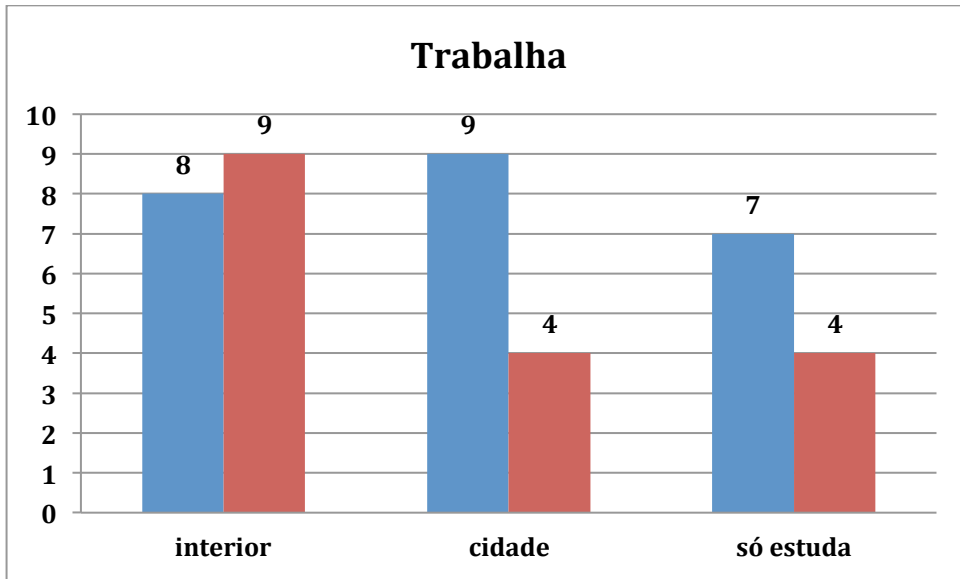
Temos então nas barras azuis do gráfico, o público feminino, e nas vermelhas o masculino. Resultando então 12 mulheres, 57,1%; que residem no campo; e outras 9, ou seja, 42,9% das mulheres residem na cidade. Para o público feminino, 7 homens, 53,8% que moram no campo, e 6 na cidade, o que representa 46,2%.

Segundo dados do censo de 2010, na região sul do Brasil, para município de 5.000 a 10.000 habitantes a taxa de pessoas que vivem no campo é de 50,5% de homens e 49,5% para mulheres.

#### Renda econômica

No entanto não apenas a moradia é um fator importante, nesta “classificação” mas também saber como o indivíduo consegue sua renda econômica, assim, perguntamos se trabalha no interior; trabalha na cidade; estuda; não trabalha e caso trabalhe, qual a sua profissão. Temos então nas barras azuis do gráfico, o público feminino, e nas vermelhas o masculino.

Gráfico 4: onde trabalha



Fonte: dados da pesquisa (2014)

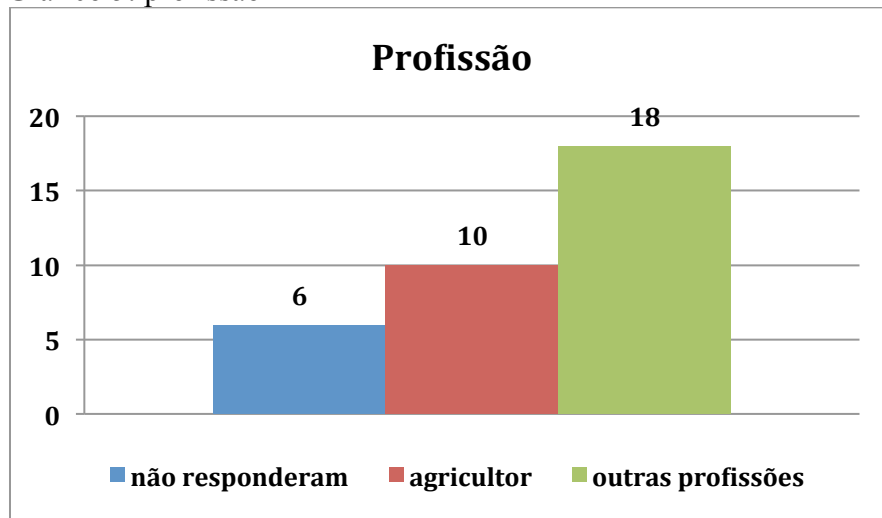
Resultando então 8 ou 38,1% das mulheres que trabalham no interior e 9, ou seja 42,9% trabalham na cidade. E 9, representando 69,2% dos homens que trabalham no interior, e 4 representando 38,8% na cidade. Entrando ainda a questão estudo, alguns afirmam que também estudam, 7 mulheres e 4 homens.

No entanto, ninguém assinalou a opção não trabalha. O que é também uma análise interessante, pois para este público, não existe esta opção. E mesmo quem se declarou estudante, nos comentários, sempre relatava alguma atividade, como auxiliar pai ou mãe nas atividades da casa ou do campo. Assim, este público, tem presente a questão do trabalho, é algo importante.

Entre estas questões, ficou evidente também que não há “fronteiras” muito definidas entre o rural e o urbano.

Para saber, se estes jovens se indentificavam com o que faziam no seu dia a dia, principalmente os jovens que moram no campo, perguntamos qual a sua profissão:

Gráfico 5: profissão



Fonte: dados da pesquisa (2014)

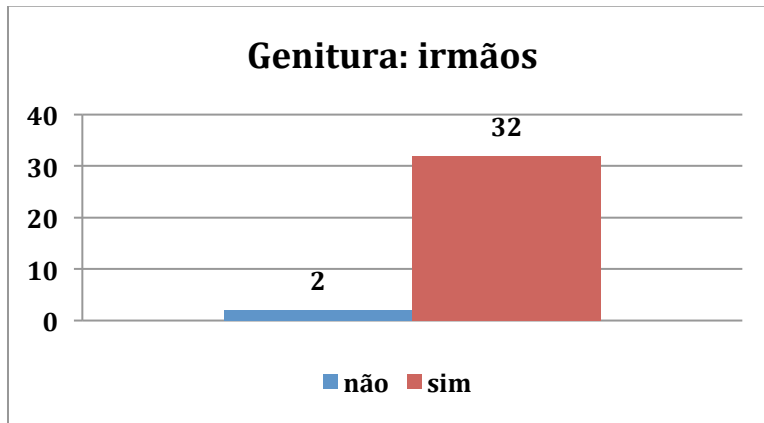
Constatamos no gráfico, que temos 6 indivíduos que não responderam, mas possivelmente sejam estudantes, e 18 que possuem outras profissões. No entanto, 10 se declararam agricultores, sendo 5 mulheres e 5 homens; Se observamos as estatísticas anteriores, temos um público de 17 indivíduos neste grupo, no entanto, alguns se declararam estudantes, e outros moram no campo mas realizam suas atividades de trabalho na cidade. Mas surpreende que 10 tenham se declarado agricultores, demonstra que para estes jovens, não é uma vergonha, ou baixo estima, verbalizar que são agricultores.

### Genitura

Conforme havia apontado Stropasolas (2006), havia uma época em que migravam os primogênitos. E permaneciam os mais novos, que herdavam a terra, e conseqüentemente cuidavam dos pais na velhice. Pensando em relacionar a genitura, com relação a migração ou permanência, e também o processo sucessório - se fosse filho único a terra seria do filho e não precisaria migrar - perguntamos aos respondentes se tinham irmãos e irmãs, e se tivessem, qual seria a ordem de nascimento, dentro da família, se mais velho, do meio, mais novo?



Gráfico 6: genitura



Fonte: dados da pesquisa (2014)

Temos somente 2 indivíduos que são filhos únicos. Pelos resultados, se infere que não há esta relação, não há valores significativos nos resultados, o que presume que não temos mais esta relação de patriarcado. Ou ainda que nesta amostra não foi possível colher este dado de modo mais preciso.

### Família e independência

Perguntamos também aos solteiros *se moram com sua família*. Esta pergunta foi intencional para sabermos se este jovem é independente, até que ponto depende dos pais ou toma as iniciativas livremente.

Quadro 3: mora sozinho, comparação entre sexos.

	estado civil - solteiro	é solteiro, mora só	Porcentagem %
feminino	9	3	33,30%
masculino	11	4	36,36%

Fonte: dados da pesquisa (2014)

Numa comparação entre os sexos, não temos uma variável considerada. Temos então que, 33,3% das mulheres solteiras moram sozinhas e 36,36% dos homens solteiros moram sozinhos.

Agora se formos comparar entre os grupos G-1 e G-2, ou seja, os solteiros que moram no campo e na cidade,

Quadro 4: mora sozinho, comparação entre grupos.

	mora no campo	mora na cidade
feminino	2	1
masculino	0	5

Fonte: dados da pesquisa (2014)

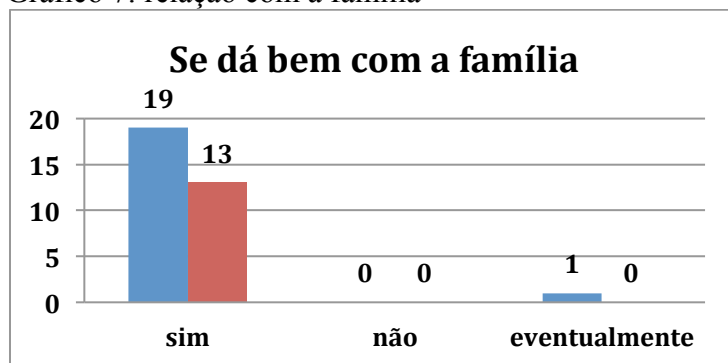
Percebemos que há uma variável significativa. No campo, grupo G-1 apenas duas jovens declararam que moram sozinhas, no entanto, são estudantes, que temporariamente estão morando na cidade, para estudar. Resumidamente, nenhum jovem solteiro que mora no campo e resida sozinho. Já na cidade, G-2, o número é bem significativo, onde 5 indivíduos masculinos relataram que são solteiros e moram sozinhos, e 1 moça que declarou morar sozinha.

Também perguntamos ao jovem: *Em relação com sua família - você se dá bem com todos?* As opções de repostas, para assinalar, foram: sim; não; eventualmente sim; não sei dizer; somente com meus pais.

Esta pergunta foi realizada com o intento de saber se quem migra, poderia ter algum problema na família. Migrar por não ter sentido ficar em casa com a família, em função de brigas ou desentendimentos.

E as respostas, conforme gráfico,

Gráfico 7: relação com a família



Fonte: dados da pesquisa (2014)

Na correlação entre sexos e entre grupos, somente uma pessoa respondeu que eventualmente não se dá bem com a família. E para todos os outros a relação é positiva. Desta forma, não há relação entre a família e a consequente migração.

#### Relação econômica - sustento

*Se você mora com sua família. Quem é o responsável pelo sustento da família? eu ; eu e minha esposa/esposo; minha esposa/esposo; pai; mãe; avós; você, seu pai, sua mãe, ou seja, ambos; outros.*

Esta questão também foi elaborada, para verificar se havia algum grau de dependência, afetiva ou econômica, entre familiares e participantes.

Pela análise de qui-quadrado, Quadro 2, no início deste capítulo, podemos observar que a variável eu e esposo é a variável mais considerada numa comparação entre sexos.

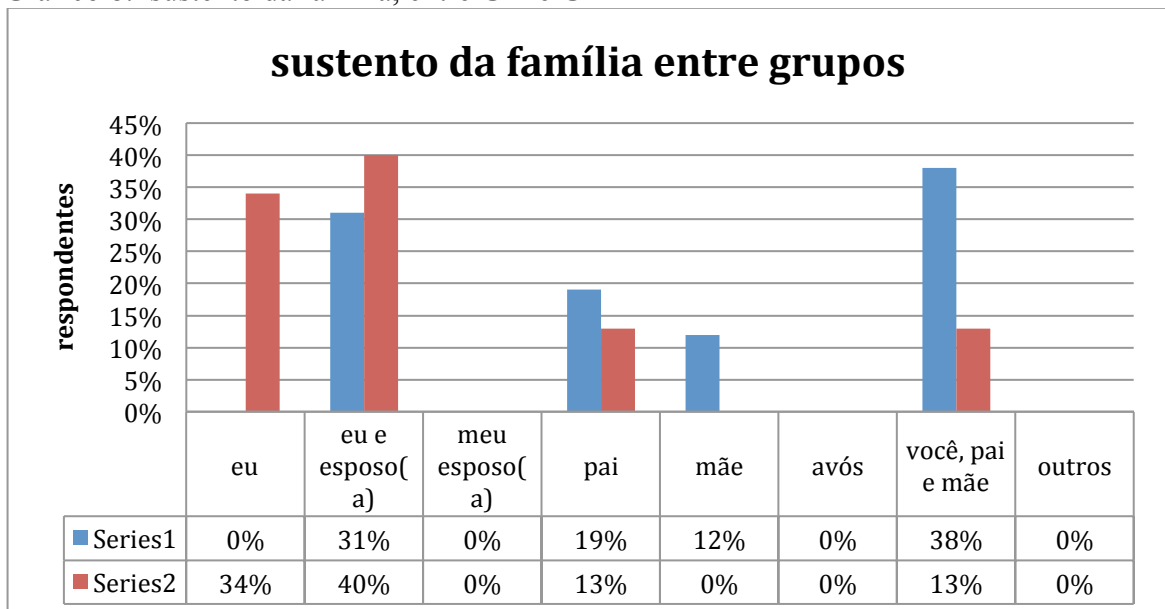
Resume que 100% das mulheres casadas, de G-1 e G-2, declararam que o sustento da família é feita com ela e o esposo. O mesmo ocorre com os homens, 100%. No entanto, esta variável considerada na análise de Qui-quadrado, se deve por termos um número maior de mulheres e casadas, nesta pesquisa.

O que é um fator importante, pois demonstra que entre os casais, e principalmente para as mulheres não há mais o tradicional conceito entre o homem da casa, ou marido, é quem sustenta a casa. Ou seja, o tradicional patriarcado, está se extinguindo aos poucos no campo. Tanto que a opção só meu esposo (a) nem foi assinalada. Assim, como a opção avós ou outros parentes. Sabe-se que é uma prática, que de certo modo está presente em famílias brasileiras, onde a família toda depende do salário de aposentados dos mais idosos.

Realizamos também uma análise entre grupos, para verificar como estas variáveis se comportavam entre os grupos. Assim, podemos verificar no gráfico abaixo.

No gráfico 8, barras em azul, grupo G-1; em vermelho, grupo G-2.

Gráfico 8: sustento da família, entre G-1 e G-2



Fonte: dados da pesquisa (2014).

Alguns jovens de G-1(campo), responderam que também fazem parte do sustento juntamente com o pai e a mãe. Temos nesta uma variável considerada, em que 6 integrantes, ou seja 38%; de G-1 são responsáveis pelo sustento da família juntamente com pai e mãe; ou

seja, o grupo familiar, e não uma pessoa de forma individual, é a responsável pelo sustento da família.

Uma variável considerada, em que 5 integrantes ou 34%, do grupo G-2, declarou ser o responsável pelo sustento da família. E já no grupo G-1 nenhum dos indivíduos declarou a opção Eu.

E para uma quantidade mínima, 12% dos jovens de G-2, o sustento é feito pelo pai e a mãe. Lembrando que temos jovens que possuem entre 17 e 18 anos e que apenas estudam.

Três (3), não responderam;

### Decisões e investimentos

*Quem é o responsável pelas decisões nos negócios e investimentos? eu ; eu e minha esposa/esposo; minha esposa/esposo; pai; mãe; avós; você, seu pai, sua mãe, ou seja, ambos; outros.*

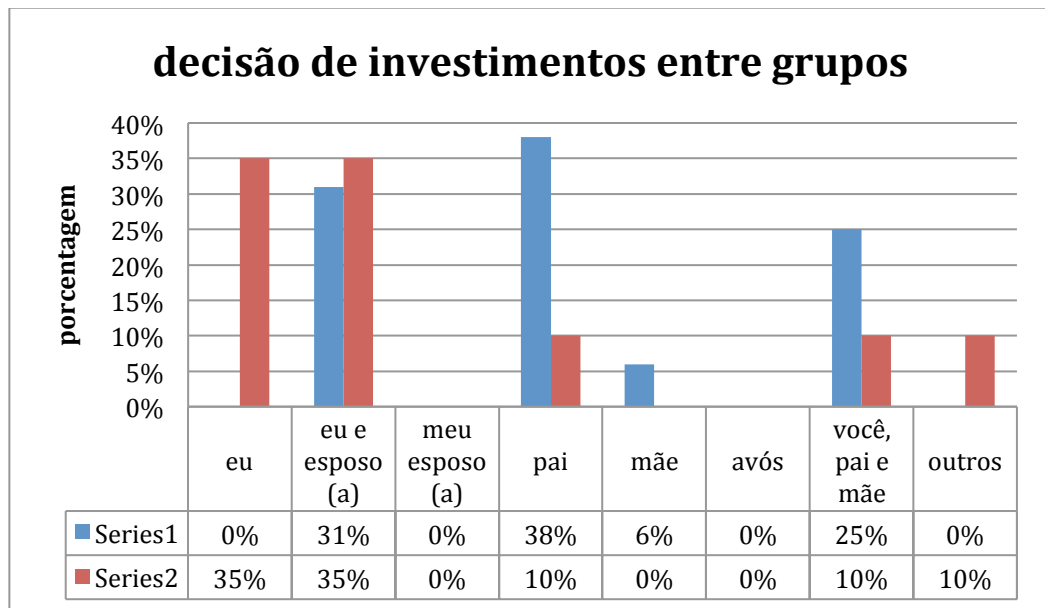
Esta questão também foi elaborada, para verificar se havia algum grau de dependência, afetiva ou econômica, entre familiares e participantes.

Pela análise de qui-quadrado, no Quadro 2, no início deste capítulo, podemos observar que a variável eu e esposo é a variável mais considerada numa comparação entre sexos pelas decisões nos negócios e investimentos.

Resume que 100% das mulheres casadas, de G-1, declararam que a decisão de investimento para a família é feita com ela e o esposo. O mesmo ocorre com os homens, 100% . Esta variável, também está relacionada com o maior número de mulheres casadas, em comparação com os homens.

No gráfico, uma análise entre grupos barras em azul, grupo G-1; em vermelho, grupo G-2.

Gráfico 9: responsável pelas decisões de investimento entre G-1 e G-2



Fonte: dados da pesquisa (2014)

Se avaliarmos este cruzamento de dados entre os grupos G-1 e G-2. Na opção, sobre quem é o responsável pelas decisões nos negócios e investimentos, 35% dos jovens de G-2, se declaram como os responsáveis, enquanto no grupo G-1, do campo, nenhum indivíduo assinalou esta opção. Representa a maioria do público solteiro, que mora na cidade. Resumidamente, os jovens da cidade decidem sobre o investimento, já os jovens solteiros, que residem no campo, fazem esta decisão em conjunto com a família. Esta análise se confirma quando, na opção da pergunta “você, pai e mãe” sobre quem é o responsável pelas decisões nos negócios e investimentos, em G-1 25% se incluem como os responsáveis, enquanto no grupo G-2, apenas 10%.

Entre a opção “eu e esposo(a)”, praticamente tivemos um empate, onde ambos os grupos G-1 e G2, se declaram como os responsáveis pelos investimentos.

Na opção “pai é o responsável”, pelas decisões nos negócios e investimentos, tivemos uma variável significativo no grupo G-1, onde 38% diz que o pai é o responsável, enquanto que para o grupo G-2 são 10%.

E ainda, 10% sujeitos de G-2 assinalaram que também há outros responsáveis pelos investimentos, como os chefes das empresas e sócios. Relacionando então esta questão fora do âmbito da família e sim nos negócios.

## Você e as decisões

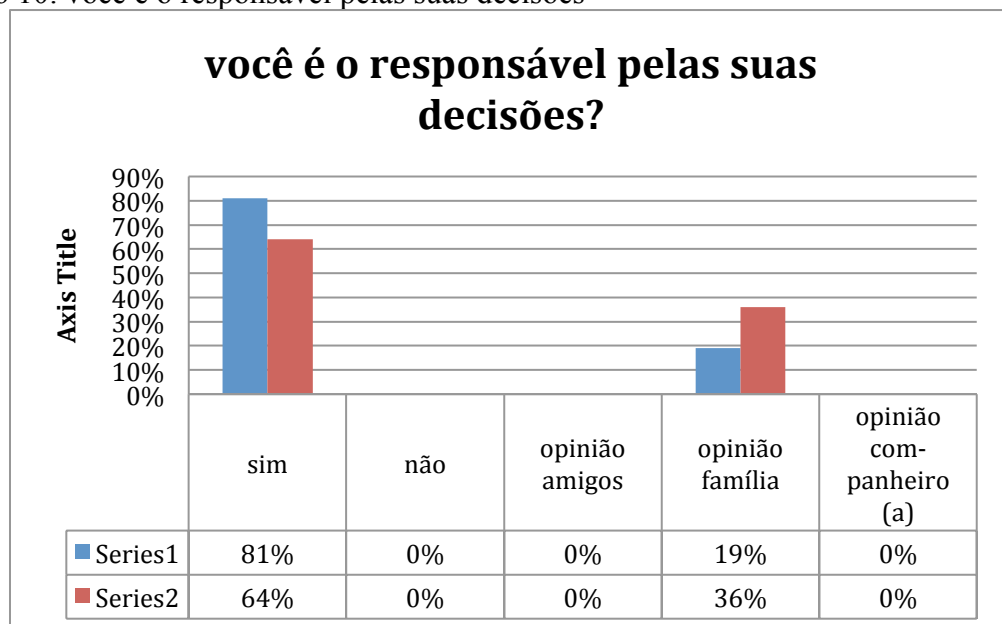
Perguntamos aos jovens: *Você se considera responsável pelas decisões que tomou e toma em sua vida?* As opções de resposta: sim; não; procuro sempre saber a opinião de meus amigos; procuro saber a opinião da família; sou influenciado pela opinião da namorada/namorado/esposo(a).

No gráfico, uma análise entre grupos barras em azul, grupo G-1; em vermelho. Temos portanto, também nenhuma variável significativa entre os grupos G-1 e G-2, onde 76,5% dos indivíduos definem que são eles a tomar as decisões da própria vida.

No gráfico, barras em vermelho são indivíduos do sexo feminino, e barras em azul, do sexo masculino. Observamos que 81% (17) dos indivíduos do sexo feminino e 64% (9) do sexo masculino registraram que são elas as responsáveis pelas suas decisões. Há assim, uma diferença significativa entre mulheres e homens, sobre a decisão individual em sua vida.

E uma parcela menor que solicita opinião da família, no entanto as outras opções nem sequer foram assinaladas.

Gráfico 10: você é o responsável pelas suas decisões



Fonte: dados da pesquisa (2014)

## Cozinha viva

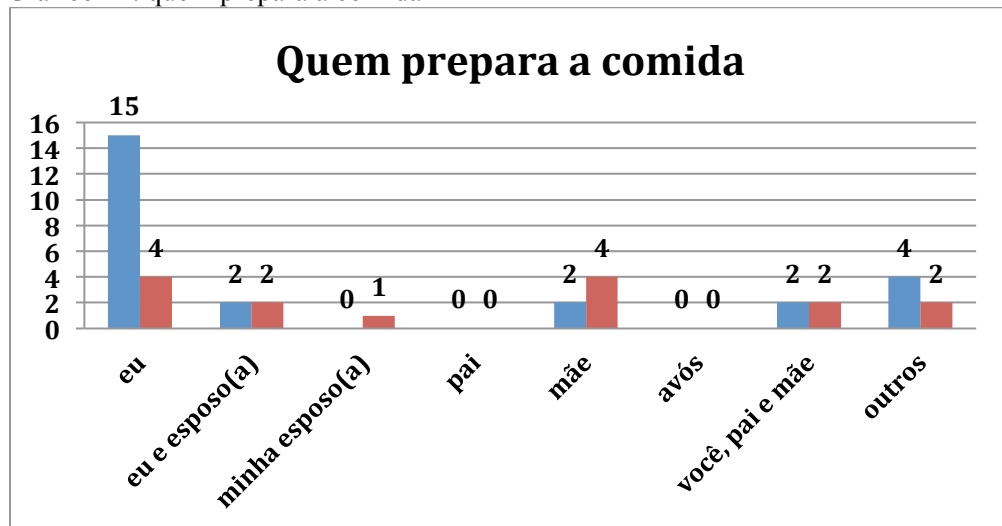
Pensando numa provação intelectual e orgânica que leva a um contato com o alimento e consigo mesmos, se esse momento de convivialidade, de relação com o alimento, é também

uma relação de amor consigo mesmo, um prazer dado ao corpo. Gostar de cozinhar, pode ser também um estilo de vida em que um normal viver do homem sadio e bem-sucedido.

Assim perguntamos, no nosso último bloco, de questões: *Quem prepara a sua comida?* Eu; eu e minha esposa/esposo; minha esposa/esposo; pai; mãe; avós; você, seu pai, sua mãe, ou seja, ambos; outros:

Perante o gráfico, 15 indivíduos do sexo feminino responderam que são elas, e 4 do sexo masculino que são eles que preparam a sua comida. Esta é, portanto a variável mais importante.

Gráfico 11: quem prepara a comida



Fonte: dados da pesquisa (2014)

*Eu gosto muito de cozinhar:* sim; não; eventualmente?

Novamente a variável sim, é a mais importante, temos então que 61,8% dos indivíduos gostam de cozinhar. Não gostam 11,8%; e gostam eventualmente, 26,5%. Ressaltando que alguns indivíduos, relataram que gostam de cozinhar, mas devido a falta de tempo durante a semana, preferem cozinhar aos finais de semana, com maior tempo disponível, e assim assinalaram a opção eventualmente.

Resumidamente, observando as variáveis da análise estatística, podemos afirmar que de um modo geral, não existem diferenças estatisticamente em relação ao local de moradia. Ou seja, as variáveis apresentam o mesmo comportamento tanto para quem mora no campo como para aqueles que moram na cidade. Presume que seja em função do núcleo estruturante ser o mesmo, ou seja, todos nascem e crescem, até certa idade, num ambiente rural.

### 3.4 O CONTEXTO RURAL NO HORIZONTE DOS JOVENS SUL BRASILEIROS

Após a coleta de dados através de questionários e entrevistas, elaboramos a descrição das perguntas abertas. Comparamos dois (2) grupos: os que querem ficar e os que querem sair. Ao grupo de 34 participantes, aqueles que permanecem no campo Grupo I G-1 (16 pessoas: F1- F16) e os que saíram, Grupo II GII (19 pessoas: S17-S35).

Neste questionário perguntamos aos que querem ficar no campo, porque querem ficar; e aos que querem sair - migrar, porque querem sair. Para então podermos evidenciar os motivos de permanecer e os de migrar. Também analisamos questões em relação a visão que estas pessoas tem em relação ao trabalho.

Ainda, as perguntas foram destinadas para fazer a comparação com as suas histórias individuais, para que possamos estabelecer correlações entre os 2 grupos. A fim de analisar os dados das entrevistas, estes foram agrupados em grupos de perguntas. Destes, nós iniciamos o agrupamento de temas e análise.

#### 3.4.1 O Tempo Livre

*O que gosta de fazer no tempo livre?* Esta pergunta foi intencionada para sabermos se estes jovens aproveitam este tempo para fazer coisas produtivas, de evolução, de prazer e estética.

De acordo com Meneghetti, a nossa consciência, frequentemente, reflete um modo, que tudo está bem quando se tem saúde e externamente não existem perigos que possam comprometer o estado de positividade alcançado. Porém, esta é apenas a primeira base, a partir da qual se pode desenvolver uma eficiência extraordinária. Temos um potencial extraordinário, mas não exercemos, porque – quando chega a este ponto de bem estar de si mesmo – sempre permanecemos no costumeiro, com a regra “todos fazem assim”. Ao invés, é preciso procurar investir a si mesmo de modo elevado (2011, p.273).

#### Análise das respostas

Ao analisar as respostas, constatamos que em ambos os grupos, são jovens muito saudáveis, que gostam de fazer atividades, fazer ações, ficar em movimento. Não ficam parados em ações vazias.



No **Grupo I**, as respostas de viajar, passear, sair com amigos, ou seja, são atividades externas, de interação com o meio. De um lado, estas respostas podem ser justificadas pelo fato que as atividades no campo, são muitas vezes atividades solitárias, ou no máximo com membros da família, por isso esta necessidade de interagir e socializar com outras pessoas.

*“Viajar, passear com a minha família, visitar tios, amigos, brincar com meu filho, fazer artesanato” (F1).*

*“Cuidar da lavoura e das vacas, pesquisar coisas novas” (F10).*

Por outro lado, também podemos perceber estas atividades de interação como algo para aprendizagem, no dizer de Vygotsky (1998), o conhecimento é construído durante as interações entre os indivíduos em sociedade, desencadeando o aprendizado. Assim, processo de mediação se estabelece quando duas ou mais pessoas cooperam em uma atividade, possibilitando uma reelaboração. Ou seja, a consciência é a função mais especializada do cérebro e se desenvolve no contexto das relações sociais.

No entanto no **Grupo II** é muito presente a atividade da leitura, citada por quase todos os respondentes (9 dos 19 respondentes). Evidencia-se assim, uma necessidade de atividades mais intelectivas, de introspecção.

*“Refletir as metas pessoais, curtir a família, escutar música, passear na natureza, conversar com pessoas de assuntos variados”. (S34)*

*“Ler, cuidar de plantas, de decoração, conversar com familiares” (S25).*

Num segundo momento é a interação com a terra e a natureza, atividades como mexer com as plantas, cuidar da terra, caminhar, passear com os animais, são atividades citadas. Segundo Meneghetti (2011, p.288) ao relatar sobre o prazer da terra, “é possível reproduzir tal perfeição de modo constante através de uma interação inteligente, relativa ao impacto erótico com a terra: a terra dos nossos campos, a boa terra que produz os frutos e que sustenta infinitas formas de vida [...]” “uma relação similar a das raízes de uma árvore que sabem enterrar-se e integrar-se.”

De todo modo, a especificidade e a complexidade dessas questões chamam a atenção e sugerem estudos futuros que possibilitem o entendimento cultural e social sobre as formas de lazer e sociabilidade dos jovens.

### 3.4.2 Jovens do Campo e Jovens da Cidade: relações possíveis

O que significa ser jovem do interior e ser jovem da cidade? Esta pergunta acompanhou a trajetória de pesquisa. São expressões que sempre ouvimos de como estes sujeitos se identificam nestas pequenas cidades: ou você é do interior ou da cidade.

Porém, aqui é um urbano e rural situados em municípios, nos quais muitos jovens têm suas trajetórias vivenciadas hora no urbano como, por exemplo, nos espaços das indústrias, na praça, na igreja, e na escola da cidade, hora no campo com os campeonatos de futebol e com as festas e bailes comunitários.

Assim, perguntamos: *se você trabalha, comente um pouco sobre o seu trabalho. Realiza suas atividades na agricultura, na cidade; você gosta; se sente realizado; faz por obrigação; sempre sonhou trabalhar e fazer o que faz agora? Se não trabalha, comente porque.*

#### Análise das respostas

Inicialmente, nesta pesquisa, havia a intenção de estabelecer uma “linha divisória” entre os jovens rurais e urbanos. No entanto, no decorrer da pesquisa, se percebeu que era impossível. Como bem esclarece Carneiro (1998), vivenciamos hoje um “esmaecimento das fronteiras entre rural e urbano”. Entretanto, apesar da imprecisão dessas fronteiras, cabe inicialmente apresentar as possíveis diferenças entre esses dois universos culturais.

*“Eu trabalho, na cidade, numa instituição de ensino. Gostou muito do que faço, pois a educação é minha grande paixão. Atualmente, desempenho questões mais burocráticas. Meu grande sonho é ser professora”. [mora no campo e trabalha na cidade] (S18)*

A idéia de “lugar” permite situar melhor as várias maneiras de expressões dos jovens. É a partir de um “lugar” bem situado que o jovem encontra elementos para organizar e significar suas trajetórias e experiências. Em outras palavras, é nesse “lugar” que ele adquire um sentido orientador para suas trajetórias cotidianas (BERGER; LUCKMANN, 1997, p. 43).

É muito interessante notar a unanimidade dos jovens do campo, **Grupo I**, em se identificar com o gostar do que fazem. Todos eles, 100%, dos que realizam suas atividades no campo, afirmam este gostar; de se sentir realizado, de ser feliz com o que faz. Sintetizamos um pouco estas falas:

*“Gosto de trabalho”[...] (F2). [...] “E na propriedade, gosto do que faço e me sinto realizada” (F1). “Meu trabalho é em casa, no lar, no aviário na propriedade, gosto do que faço” [...] (F3).*

*“particularmente gosto, me sinto feliz no que faço” (F4). “Sim, trabalho na agricultura, gosto do que faço. Foi meu interesse desde pequeno trabalhar na agricultura” (F6). “Trabalho na agricultura, gosto do que faço sou realizada e faço com gosto, sou realizada” [...] (F7). “Gosto do que faço, de manhã levantar é ir ordenhar as vacas e depois seguir as demais atividades na lavoura” (F8). “Eu trabalho na agricultura com vacas de leite, é o meu trabalho que eu mais gosto.” (F9).*

Jovens do Grupo I são mais realizados, gostam mais do que fazem, em relação ao Grupo II, que de certo modo, sempre intencionam uma volta ao local de origem, com a interação com a terra e porque não dizer o espaço rural.

Depoimento de um jovem que migrou da zona rural para a cidade:

*“Faço por obrigação para ter o sustento” (S20).*

À vontade de permanecer na atividade agrícola às vezes se confunde também com a vontade de dar continuidade aos estudos. E entre as moças, a menor preferência por permanecer na profissão agropecuária, está associada ao melhor nível educacional. Em outras palavras, isso que dizer que as jovens que optam pelo “víeis da educação”, raramente dão continuidade à profissão paterna e, dificilmente, retornam depois de completado os estudos.

A trajetória percorrida por alguns jovens explicita o estudo como esperança de uma melhor inserção no mercado de trabalho. “Para as famílias rurais, sobretudo os de maior dificuldade econômica, o estudo é pensado como estratégia de ressocialização, preparando o jovem para o engajamento como força de trabalho assalariado no meio urbano” (STROPASOLAS, 2002, p. 243).

A direção percorrida por alguns jovens explicita o estudo como esperança de uma melhor inserção no mercado de trabalho. Nos depoimentos abaixo, uma das jovens relata que seu desejo é conciliar os dois lados: estudar e permanecer na agricultura, outras porem descartam essa possibilidade, pois pretende dar continuidade de suas atividades na cidade:

*“Como eu estudo e pretendo fazer uma pós-graduação, então estudo o dia todo” (F15)*

As trajetórias cotidianas dos jovens investigados são caracterizadas pelo contato, cada vez mais próximo, entre “campo” e “cidade”, de tal modo que esses jovens em suas trajetórias “cultivam traços e assimilam, ao mesmo tempo, valores urbanos e rurais” (SILVA, 2000: 173). Porém, não significa que este contato esteja acontecendo num contexto isento de conflitos, ambigüidades e incertezas (AGUIAR, 2006).

*“Trabalho durante a semana no interior, [...]. Tenho duas tardes de folga durante a semana a tarde, em uma delas trabalho também no interior, em um escritório de um engenho de arroz, lançamentos de notas fiscais, entradas e saídas de mercadorias e na área financeira.[...] e aos finais de semana trabalho em uma pizzeria onde coloco a “mão na massa” e também faço o atendimento aos clientes.*

*Dentre todos esses trabalhos amo todos, mas em particular na pizzaria, pois é de minha natureza “mexer” com alimentos e amo muito, [...]” (S32)*

Outro assunto muito evidenciado e de real importância, é o despertar da liderança, empreendedorismo e pluralidade de funções

*“Eu trabalho no que é meu na fazenda, nada melhor de ver o que produziu com seu suor. Me sinto realizado na lavoura porque eu gosto e quero sempre isso.” (S29)*

*“[...] Atualmente estou focado também em um projeto pessoal onde pretendo encarar um desafio por algo que não trabalhei ainda, porém [por enquanto] minha experiência irei aplicar na empresa. Vou fazer algo que eu gosto, e estou focado em fazer algo que me dê prazer.” (S28).*

Ressaltamos que os jovens do campo exercem uma pluralidade de atividades no seu dia a dia. Para a Escola Ontopsicológica, a participação em uma pluralidade de situações faz autogênese de inteligência e autoliberação dos estereótipos. Operar em muitas realidades dá a capacidade de participar do metabolismo vital. Aprofundaremos essa análise nas conclusões, pois é um resultado pouco comentado na literatura, e acreditamos que a Ontopsicologia pode evidenciar novidades em relação ao contexto apresentado.

### **3.4.3 A dicotomia entre o ficar e o sair: o que faz você permanecer no campo**

No Grupo G-1, os jovens referem-se a agricultura familiar como espaço aberto de possibilidades que inclui: horário flexível, liberdade para escolher o momento de descansar e, qualidade de vida. Diferente da vida na cidade que não oferece esses atrativos, segundo seus depoimentos;

*“[...] Fazemos a nossa rotina, não dependemos de patrões e empregados” (F3).*

Resumidamente os depoimentos foram agrupadas nestes tópicos, para G-1, que permaneceu:

Quadro 3: razões que fizeram G-1 permanecer no campo

**para G-1 que permaneceu:**

- A) Qualidade de Vida e Gostar do Que Faz
- B) Influência Familiar, Ajudar a Família
- C) Morar no Campo, Não Quer Dizer Assumir a Profissão de Agricultor
- D) Questão de Gênero: Mulher e o Trabalho do Campo

Fonte: dados da pesquisa (2014)

Os conflitos e contradições que seguem, invariavelmente, o relato desta fase da vida, aparecem particularmente na questão do trabalho, em que o prazer se mistura com as circunstâncias nem sempre prazerosas do dever;

*“Incentivo dos pais e o gosto por trabalhar na agricultura” (F6).*

Pode-se dizer que o desejo do jovem, por exemplo, em permanecer no meio rural, não pressupõe mais assumir a profissão de agricultor. Isso porque as atividades não agrícolas realizadas no perímetro urbano, tornam-se atrativas para muitos jovens do interior que não vêem futuro e nem estímulo em permanecer nas propriedades agrícolas de seus pais:

*“Permaneci, no campo, pois casei cedo e meu marido trabalhava no campo. Depois, construí casa no interior, passei no concurso na cidade onde moro. Hoje, separada, voltei a morar na chácara da minha família. É um lugar ótimo para criar meu filho, lugar que me traz paz e uma boa qualidade de vida.” (S18).*

Embora as circunstâncias objetivas imponham uma maior proximidade entre os membros do grupo familiar, se percebe, neste depoimento, que muitos planos podem ser cerceados em virtude da supremacia de valores muitas vezes alheios à sua vontade que, para muitas mulheres agricultoras, se arrastam como correntes nos seus passos.

*“Fui para a cidade porque meus pai foram trabalhar lá, até eu queria ficar morando lá [no campo] mas como uma mulher ia morar sozinha e se sustentar. Gostaria muito se eu tivesse uma oportunidade, de voltar, eu voltaria” (S21).*

Ressaltamos no Quadro 4, um resumo das razões que fizeram indivíduos de G-2 migrar e também repensar a migração:

Quadro 4: razões de G-2 migrar e também repensar a migração

**Razões que fizeram de G-2 migrar e também repensar a migração:**

- A) Migração por Necessidades de Estudos e Trabalho;
- B) Trabalho muito pesado, árduo e difícil, ausência de políticas públicas;
- C) Retornar ao Campo – ao Contato com a Terra;
- D) Questão de Gênero: Mulher e o Trabalho do Campo
- E) Quando a Universidade Chega ao Campo – Faz Com Que os Jovens Repensem a Migração

Fonte: dados da pesquisa (2014)

Ainda sobre o Trabalho um dos entrevistados relata:

*“Os motivos pelos quais sai para a cidade foram por ser muito desvalorizado o trabalho do agricultor e o serviço desempenhado é muito árduo e difícil e o que é recebido em troca muitas vezes é pouco.”*

Retornar ao Campo – ao Contato com a Terra; corrobora, nesta questão, a visão de Carneiro, quando escreve sobre “o ideal ‘rurbano’ campo e cidade no imaginário de jovens rurais” que terminar um curso superior e retornar ao município de origem, visando se instalar como profissional, é projeto de muitos jovens que, atualmente, não vislumbram mais um rompimento definitivo com o universo cultural de origem, mas a possibilidade de combinar os dois mundos: a realização de um projeto próprio e a segurança (afetiva e econômica) oferecida pelos laços familiares.

*“A principal razão da saída do campo foi para ter acesso a formação profissional em uma universidade pública. Sinto falta de viver em casa (moro em apartamento) pelo contato mais direto com o solo, grama, etc, e com a possibilidade de poder plantar e colher ao menos parte da comida consumida em nosso lar. Profissionalmente, poderia estar baseada no campo, ou próximo a algum centro urbano, ou oferecer meus serviços a áreas remotas.” (S31).*

Em decorrência até das necessidades da própria modernização da agricultura, que passa a exigir familiaridade com cálculos eficientes no que se refere à comercialização do produto, ao crédito, juros e investimentos, registra-se o esforço dos pais para que os filhos estudem.

*“Até o momento estou aqui por motivos da faculdade, [...] (S32)*

*“Minha permanência se deu por existir trabalho e estudos no interior e pela família que aqui reside. As oportunidades são inúmeras, basta querer e se adequar a elas.” (S34)*

*“Ainda estudo e é mais fácil pra mim” (S35).*

Os jovens oscilam entre o projeto de construir vidas mais individualizadas, o que se expressa no desejo de “melhorarem o padrão de vida”, de “serem algo na vida”, e o compromisso com a família, que se confunde também com o sentimento de pertencimento à localidade de origem, já que a família é o espaço privilegiado de sociabilidade nas chamadas “sociedades tradicionais”. Dentro dessa ambigüidade está em curso a construção de uma nova identidade (CARNEIRO, 1998b).

Esta análise de Carneiro, também pode ser expressa pelos jovens do Grupo II. As falas revelam que o “não incentivo”, o desleixo das autoridades” e o preço alto dos insumos indicam uma certa vulnerabilidade social dos jovens agricultores diante do processo de mercantilização da agricultura familiar. Uma mercantilização que não é apenas econômica, mas social e cultural. Esse fato exige que a família rural estabeleça estratégias de

sobrevivência visando garantir a reprodução de seus modos de vida e, sobretudo, significa transformar suas vidas ou desenvolver outras trajetórias de vida que envolve, a busca por uma nova alternativa de renda, migração e, conseqüentemente, abandono da propriedade (AGUIAR, 2006).

É preciso considerar, também, que a ausência de políticas públicas que reconheça a importância da agricultura familiar e incentive a permanência das famílias de agricultores no campo, pode estar impulsionando a saída de jovens do campo e comprometendo a continuidade da agricultura familiar. Isso é notório nas falas.

Percebe-se, portanto, que essa dicotomia, entre o sair e o ficar, permanece sem respostas exatas. É um contexto complexo, como o é o ser humano.

#### 3.4.4 Realização: O que mais gosta de fazer, ou que lhe dá mais realização

Importantes autores para o desenvolvimento desse conceito foram Carl Rogers e Abraham Maslow. Autorrealização (ing. *self actualisation*; al. *Selbstverwirklichung*) ou tendência para a autorrealização designa em diferentes teorias psicológicas a tendência de um organismo de desenvolver todas as suas possibilidades de crescimento; o termo se aplica sobretudo ao desenvolvimento de si mesmo, designando a tendência do indivíduo de desenvolver-se e crescer como pessoa.

Identificamos os tópicos mais pontuados pelos respondentes, não sendo esta a ordem de importância citada:

Quadro 5: O que gera mais realização e gosta de fazer

de G-1 que permaneceu:	de G-2 migraram:
a) Trabalhar e questões relacionadas com o trabalho; b) Sair, viajar, conhecer outros lugares; c) Família, amigos e atividades conjuntas; d) Estudar e) <i>Política</i>	a) Trabalhar e questões relacionadas com o trabalho; b) Sair, viajar, conhecer outros lugares c) Família e amigos; d) Estudar e aprendizado de coisas novas; e) <i>Interação com a terra e o campo</i>

Fonte: dados da pesquisa (2014).

Podemos inferir que o ponto 5 “Interação com a Terra e o Campo”, é o ponto que de modo geral diferencia o grupo G-2 do G-1; Pois são associados aos afazeres nos momentos de tempo livre e que proporcionam realização. E no grupo G-1 chama a atenção o registro do interesse por política. Aprofundaremos a análise desse tópico no sub capítulo 3.5.1 Pelo Viés da Psicologia Humanista.

### 3.5 ATITUDES À VIDA NO CAMPO: Jovem – Ambiente, Caminhos Possíveis

Voltando a nossa pesquisa de campo; em que, a propósito, como ocorre em geral, identificamos os principais pontos e elencamos abaixo.

Por intermédio de seus depoimentos, foi possível observar no universo da pesquisa, que há uma heterogeneidade dos jovens ou as “várias maneiras de ser jovem, sejam eles “rurais” ou “urbanos”. Compartilhamos as idéias defendidas por Aguiar (2006), de que muitas das expressões ou valores pelas quais os jovens do “campo” e da “cidade” se identificam, acabam por revelar algumas diferenças e, ao mesmo tempo, semelhanças. O entendimento dessa questão permitiu concluir que não há fronteiras fixas entre esses “universos” sociais e, acima de tudo, possibilitou uma flexibilização metodológica na análise desta pesquisa.

Também corroboram nessa visão, Magno; Doula; Pinto (2011), que de fato, a construção da identidade do jovem rural é constantemente influenciada pelo universo urbano; essa confluência se deve às novas experiências espaciais e comunicacionais que vivenciamos atualmente, colocando “o trânsito” entre o rural e o urbano como um processo constante.

Observamos que este trânsito tem início na época dos estudos, em que a circulação dos filhos das áreas rurais para as urbanas, na medida em que as áreas rurais têm escolas que, em geral, oferecem até a 9ª série, ou então nem têm escolas.

No entanto, dessa interação também podem resultar conflitos que nem sempre são resolvidos em uma única direção. Na situação estudada, as condições de realização dos projetos individuais dependem, entre outros fatores, da composição da unidade familiar e do capital material e cultural disponível para a negociação.

Dentre os jovens entrevistados, alguns relatam que entre a principal motivação que levam os jovens a buscarem ocupações não agrícolas, “trabalhar na cidade” estão a delimitação precisa da jornada de trabalho; e atualmente, ao sistema de transporte permite que os jovens continuem morando na casa paterna, mesmo dedicando-se a atividades não agrícolas. Relata um jovem que mora no campo mas também trabalha na cidade:

*“lá na fábrica você trabalha tantas horas e sabe que vai ganhar tanto, né?! o que é ruim de um lado, porque você faz sempre a mesma coisa e ganha sempre o mesmo salário[...] mas por outro lado tu não depende se vai chover, se vai dar seca, o teu dinheiro tá lá.*

A renda autônoma em relação à unidade familiar ou dentro dela, é percebida nos indivíduos que continuam a trabalhar e morar no campo com um fator muito importante. Para eles representa a valorização do seu serviço. No entanto, estas regras precisam estar claras, entre pais e filhos, para assim, não ser mais considerada apenas como uma “ajuda” que



prestam para os pais. Vemos, portanto, ao modo de uma empresa, que está se iniciando uma profissionalização da propriedade rural.

Identificamos nas falas dos jovens rurais, que a renda individualizada dá oportunidade de adquirir bens de consumo não relacionados à produção. Valorizados por jovens urbanos da mesma faixa etária e, ao possibilitar a incorporação de padrões estéticos “globais”, o caminho para a não-estigmatização enquanto “colonos”

Mas, ao mesmo tempo em que almejam bens urbanos - que oportunizam que não se diferenciem esteticamente dos jovens da cidade; os jovens rurais observados nesta pesquisa, afirmam o campo como o lugar de moradia desejado. Associando ao espaço rural atributos como calma, segurança, alimentos saudáveis, qualidade de vida, e, além disso, valorizando seu pertencimento às redes de sociabilidade, partir da família e da comunidade rural.

Essa constatação também pode ser observada no espaço dessa pesquisa através, por exemplo, das vestimentas, cortes de cabelos, maquiagem, etc., que portam os jovens rurais; e esses em nada se diferenciam daquelas dos jovens da cidade. Outro aspecto está na valorização que atribuem aos espaços de dança e de festas da cidade.

Outro aspecto que tem em comum, e que vem diminuindo estas lacunas jovens do campo e da cidade, é que aos poucos está se tendo acesso à internet e à televisão paga (com diversos canais internacionais). Assim, o jovem do campo não se sente mais tão ilhado em suas conversas, consegue dialogar de igual com um jovem da cidade, sobre assuntos que viu na internet ou aquele filme que passou em determinado canal.

O ambiente rural o integra os grupos sociais da comunidade, permitindo-lhe ser reconhecido pelos adultos; No entanto, tem também todas as responsabilidades inerentes a este reconhecimento, ou seja, facilita em larga medida o diálogo entre as gerações, operando em atividades comunitárias como auxílio na organização dos lazeres e das festas, principalmente.

Um outro elemento importante dessa escolha dos jovens em permanecer no meio rural pode está também relacionado à idealização referente a esse espaço que vem ocorrendo, pela população urbana, nos últimos anos. Ou seja, no próprio espaço urbano, há uma volta “às origens” ao decorar a casa, com móveis rústicos; ouvir músicas e assistir programas de televisão relacionadas a vida no campo; adquirir um local, como um sítio, para fazer de espaço de lazer e convívio com a família e amigos, entre outras razões.

Um fator essencial que se vem demonstrando nesta pesquisa, é a permanência no campo, ligada essencialmente ao gostar e se indentificar no que faz, a sua realização enquanto pessoa.

E para finalizar, um dos muitos motivos apontados para a migração está relacionado com a procura e ao acesso a níveis superiores de educação. Todos os jovens entrevistados avaliam positivamente a importância da formação. E indicam que o mais importante seria a educação voltada para sua realidade, que seja também empreendedora e aplicada; E, sonham em tornar o campo, além de um lugar privilegiado para viver; como um lugar que estimule o desenvolvimento de valores humanos mais elevados; que vão além de saúde física; mas que tem suas necessidades humanas básicas satisfeitas e de forma consistente poderem também buscar realizações superiores como os valores de auto-conhecimento e autorrealização. Veem o campo como um local positivo e que influencia na seleção e cultivo de um estilo de vida coerente com a sua realização como pessoa.

De toda esta análise, percebe-se que essa pesquisa converge socialmente, culturalmente e economicamente para uma percepção de que há de certo modo um movimento de homogeneização entre jovens do campo e da cidade. Ou seja, os jovens do campo, procuram viver o “melhor dos dois mundos” se adequam a qualidade de vida proporcionada pelo viver no campo, com as “novidades” tecnológicas e estéticas proporcionadas pela vida urbana.

### **3.5.1 Pelo Viés da Psicologia Humanista**

Identificaram-se nos discursos nos mais diversos autores dessa pesquisa de que a reprodução da hierarquia urbano-rural tem perpetuado a construção de preconceitos e de relações de subalternidade, nas quais se considera o morar e o trabalhar no campo como uma condição desvalorizada cultural e socialmente. Por outro lado, os resultados apontam para uma hegemonia de comportamentos entre os grupos.

Adler considera que apenas dominar o meio ambiente (cada indivíduo é levado a lutar por um relacionamento mais perfeito com o ambiente) é algo muito abstrato para satisfazer a necessidade de uma direção de vida; assim, cada indivíduo desenvolve um objetivo de vida mais específico que funciona como centro de realização, é influenciado por experiências pessoais, valores, atitudes e personalidade; não é um alvo claro e conscientemente escolhido. Já o estilo de vida é o único caminho que um indivíduo escolhe para buscar seu objetivo. É um estilo integrado de adaptação e integração com a vida em geral. “O objetivo da

superioridade de cada indivíduo é pessoal e único. Depende do significado que ele dá a vida. É construído sobre seu estilo de vida e nela se introduz.” (ADLER, 1956, p.181 *apud* FADIMAN; FRAGER, 2006).

Ainda para Adler, esse processo de formação de um objetivo de vida, estilo de vida e esquema de percepção é essencialmente um ato criativo. É o poder criador da personalidade ou *self*, que guia e dirige a resposta individual ao meio ambiente. Codificamos e interpretamos a experiência de modo seletivo e desenvolvemos um modelo próprio de relacionamento com o mundo (FADIMAN; FRAGER, 1986).

Ao vivermos num lugar específico dentro do universo – homem e ambiente – devemos nos desenvolver dentro das condições básicas determinadas pela existência humana, como corrobora Adler<sup>10</sup> (1931) ao mencionar que indivíduo se defronta com as três maiores tarefas da vida: trabalho, amizade e amor. Em primeiro lugar deve existir trabalho, a ação, a realização, e não apenas ocupações que nos dão o salário; em segundo lugar, a amizade com as pessoas que nos ajudam, que são também construção, vantagem para a nossa obra; salvos os dois primeiros, em terceiro lugar se encontra o amor. No entanto, se os dois primeiros valores não são íntegros, o terceiro é apenas ruína.

Para a psicologia humanista a pessoa pode ser livre. O parâmetro, é o homem protagonista da própria existência. E onde está a fonte do sentido autêntico da vida? O instante da *peak experience* evidencia à pessoa que há algo a mais, são os momentos de contato com o ser, unidade com o ser, nesse contato com o ser é que se dá a plenitude da vida.

Desta maneira, também para estes jovens pode ser um movimento para o ser, como lembra Maslow, que é o caminho vital para nos tornar adultos maduros; para tal precisamos de valores superiores, valores metafísicos.

---

<sup>10</sup> Meneghetti (2013) também considerava Alfred Adler um dos maiores psicólogos. E faz ressalva para estas três tarefas da vida.

## IV CONCLUSÕES

O desenvolvimento de pesquisas permite um processo contínuo de conscientização sobre os aspectos teóricos da realidade e investigação. Deste resulta que, a partir de um corpo teórico adaptado para a problemática, sempre adicionado ao conhecimento já desenvolvido, podem gerar novas formas de compreensão do jovem e do mundo que o circunda e, nesta pesquisa, mais especificamente tentar responder quem são, e como são, estes jovens de pequenas propriedades rurais.

Confirmamos a primeira hipótese de que o movimento migratório e reivindicatório dos jovens explicita problemas que repercutem nas diversas dimensões do processo de desenvolvimento rural, e não se explicam, exclusivamente, pelo viés econômico. E assim, não possuem consciência da sua relação com o ambiente, e por isso buscam migrar para tentar a autorrealização. E mesmo os que permanecem, podem não ter esta consciência, e decidem permanecer no campo em função de outros valores.

No entanto confirmamos apenas parcialmente a segunda hipótese, é que estes jovens permaneçam por haver no campo, o diferencial da responsabilidade e reciprocidade com o ambiente que faz florescer o espírito empreendedor, e assumir para si o protagonismo. Não ficou evidente nos resultados esta hipótese, no entanto, muitos permanecem por se sentirem realizados e satisfeitos.

A pesquisa com a juventude rural e que migrou apontou, de modo geral, que os jovens preferem permanecer no campo, desde que não seja para trabalhar única e exclusivamente nas atividades agrícolas e que sejam satisfeitas suas necessidades básicas de educação, lazer e cultura. Não se resolve o problema do ficar ou do sair do campo apenas com ações no mundo do trabalho agrícola, como pretendem as atuais políticas públicas brasileiras destinadas à juventude rural.

A família, embora ainda muito importante, não é mais o único núcleo privilegiado ao alcance das possibilidades desses jovens. O fato de os jovens rurais oscilarem entre o desejo de terem vidas mais individualizadas e o compromisso com a família, faz com que se confunda o sentimento de pertencimento à localidade de origem. Essa inserção, no entanto, não implica a negação da cultura de origem, mas supõe uma convivência que resulta na ambigüidade de quererem ser, ao mesmo tempo, diferentes e iguais aos da cidade e aos da localidade de origem.

No entanto, os dados dessa pesquisa também apontam, que há de certo modo uma convergência social, cultural e econômica para um movimento de homogeneização de valores

entre jovens do campo e da cidade. Ou seja, os jovens do campo, procuram viver o “melhor dos dois mundos” se adequam a qualidade de vida, à cultura, à comunidade, proporcionada pelo viver no campo, com as novidades tecnológicas e estéticas proporcionadas pela vida urbana. Tornando cada vez mais imprecisas as fronteiras concernentes às idealizações e projetos dos jovens.

À vontade de permanecer na atividade agrícola às vezes se confunde também com a vontade de dar continuidade aos estudos. E entre as moças, a menor preferência por permanecer na profissão agrícola, está associada ao melhor nível educacional. Quando a universidade chega ao interior, ao campo, faz com que os jovens repensem o êxodo.

Sobre o nível de escolaridade, uma diferença entre os grupos, enquanto no G1 (campo) a maioria dos jovens possui ensino médio 46,7% e na mesma proporção há também a opção cursando superior 46,7%. No Grupo 2 (cidade) há 31,6% dos jovens fazendo curso superior, enquanto que 42,8% possuem pós-graduação. E o sexo feminino, possui uma escolaridade com taxas superiores em comparação a masculina em ambos os grupos.

No campo, os jovens são socializados para o trabalho pela própria família, e é no âmbito familiar que aprendem a profissão de agricultor. Os jovens rurais se indentificam e se autodominam efetivamente na profissão como agricultores; tanto homens como mulheres. Jovens solteiros da zona rural moram com a família, enquanto que na cidade há uma tendência maior de morar sozinhos. Todos possuem relações positivas com a família.

Também constatamos que nessa nova geração de agricultores, as decisões, tanto pelo sustento da família como pelas decisões nos negócios e investimentos, são tomadas, declaradamente, em conjunto pelo casal. Assim, aos poucos vai se extinguindo a relação patriarcal, relação comumente encontrada nas famílias das gerações anteriores.

Já os jovens solteiros da cidade decidem sobre o investimento de maneira mais individual, enquanto os do campo fazem esta decisão em conjunto com a família. Essa variável se explica, levando em consideração que na cidade, em geral, o jovem é assalariado, enquanto no campo trabalha numa propriedade em que há uma relação de unidade produtiva, ou seja, a família inteira depende da renda. Assim, também a permanência do jovem na propriedade rural é constatada quando esse jovem pode participar das decisões. Ele se sente integrado e um agente ativo no interior dessa unidade. E assim, mais realizado.

Em ambos os grupos, em média 72,5% dos indivíduos definem que são eles a tomar as decisões da própria vida. Observamos que 81% dos indivíduos do sexo feminino e 64% do sexo masculino registraram que são eles as responsáveis pelas suas decisões.

Mas diante de toda essa análise da pesquisa, é o homem que gera o ambiente ou é o ambiente que gera o homem? É o homem que condiciona o ambiente ou é por esse condicionado?

Conforme a Escola Ontopsicológica, não se pode compreender o indivíduo sem compreender o ambiente no qual está inserido, e vice versa. O homem se doa num trabalho que pode ser uma experiência de prazer para aqueles que sabem colher a reversibilidade de natureza da sua ação, ou uma aventura para aqueles que não trabalham de acordo com sua verdade e assim não tem garantia da colheita ao fim do ciclo. Para um desenvolvimento criativo, é preciso restituir o homem a si mesmo, dar-lhe o completo domínio de si mesmo, da própria energia psíquica na sua realização histórica. E esta é uma tarefa individual, é uma conquista pessoal.

Ao acompanhar esses jovens em algumas das suas atividades, e ouvir suas críticas e opiniões acerca da vida, do trabalho e do gerenciamento do tempo livre, constatou-se algo que talvez seja a maior contribuição que essa pesquisa possa trazer para a literatura científica quando o assunto é juventude do campo.

Esses jovens estão se uniformizando de acordo com o estereótipo urbano. Um estereótipo<sup>11</sup>, é tornar estável, sólido, duro, rígido. Um modelo de comportamento geral que se faz referência de outros semelhantes e que se torna valor de apoio para individuar segurança e razão dialética com a sociedade. Um comportamento típico aprovado e reconhecido, aprendido de fora.

Este novo homem do campo, ao uniformizar-se com a realidade externa, está perdendo essa intuição aguçada, necessária e direcionada ao conhecimento da terra, para inspirar a percepção do ar, da água, da chuva, a influência da lua, entre outros. Está perdendo a “leitura” de um saber constituído que sempre foi um conhecimento real e natural, do qual o homem do campo sempre se valeu para fazer o seu trabalho. Essa uniformização o afasta cada vez mais do entendimento de si mesmo. E se não entende a si mesmo, não sabe organizar o ambiente para sua saúde e criatividade.

Na prática diária da lida no campo, há uma realidade que muito se difere daquela realidade urbana. Um jovem de uma propriedade familiar, para ser bem sucedido, exerce uma pluralidade de atividades. Essas exigem conhecimentos sobre agronomia, hidráulica, veterinária, agroindústria, administração, economia, ou seja, uma gama de conhecimentos que perpassam as ciências rurais e sociais aplicadas. E para a Ciência Ontopsicológica, a

---

<sup>11</sup> De acordo com o dicionário de Ontopsicologia.

participação em uma pluralidade de situações faz autogênese de inteligência e autoliberação dos estereótipos. Operar em muitas realidades dá a capacidade de participar do metabolismo vital. Saber que um indivíduo pode se autopor, se autoconstruir para o que é entendido como inteligência (ler dentro da ação, compreender dentro, uma faculdade que conhece e identifica as formas essenciais e causais de qualquer coisa ou evento) e ainda a autoliberação de estereótipos; a libertação desses modelos de comportamento que o tornam igual, passam a ser muito mais que uma grande vantagem.

O processo de trabalho possui dimensões simbólicas, que vão além de construir espaços agrícolas. O homem do campo deve saber individualizar e aplicar em cada situação a medida exata, a ação perfeita para aquele cultivo. O saber do agricultor e sua existência ambiental avançam muito além do saber especializado para construir roçados e o trato com animais. E, para os que sabem colher a reversibilidade de natureza, se constitui de um saber de percepção da natureza e dos indivíduos. É preciso saber sincronizar-se em muitas dinâmicas, nutrir-se de interações multiparticulares e não na fixidez de si mesmo e do externo, a fim de incentivar-se no que é supremo para cada um. Essa fixidez, acontece a muitos, como por exemplo os cientistas, os quais, - tendo chegado em um ponto – param, porque começam a entrar rigidamente no papel, a somente ler e estudar; desse modo perdem a vida que, ao invés disso, se deseja holística.

Ou seja, levar à consciência ou tornar consciente nesse jovem a imensa força e vantagem que possui, é auxiliar a sair dessa seleção temática complexual. A seleção temática complexual posiciona o sujeito sempre na direção pré-constituída. Mesmo introduzido num ambiente novo, o indivíduo reagirá sempre segundo a seleção temática da sua matriz reflexa. Enquanto não a elimina, será determinado àquele tipo de estereótipo, que lhe impede a própria funcionalidade.

Ao impactar uma realidade, uma nova relação, e para sair vencedor, e não sofredor da relação diádica o indivíduo deve usar sempre os três critérios, que já foram apontados no sub-capítulo sobre a díade. E assim, introduzir um progressivo abandono da rigidez psíquica e uma abertura à interação global. Disso se determina a possibilidade de poder efetuar, em seguida, uma díade melhor.

O problema fundamental é que o indivíduo, não consegue sincronizar ao seu projeto um conhecimento lógico adequado, então sofre a patologia existencial. O ser humano está mal, não tem evidência de si, não conhece o seu corpo e não identifica os meios. No interior de qualquer processo diádico, o homem colhe sempre a relação segundo um aspecto de memória e jamais segundo o modo pelo qual a ação da vida o põe e gere naquele momento.

Tudo muda continuamente. Segundo a vida, o que era verdadeiro há alguns instantes, é diferente agora.

A guisa de conclusões, faremos uma analogia, de como se dá a relação diádica entre jovem e ambiente, através das sementes.

A história das civilizações está profundamente ligada à história do homem e da mulher com a seleção de sementes e a prática da agricultura. O homem começou a perceber que podia cultivar as plantas, plantar as sementes, selecionar aquelas sementes de mais interesse. Esse processo vem se desenvolvendo ao longo dos milênios e continua até hoje.

Aqui não iremos considerar as sementes obtidas através da artificialização do meio; sementes produzidas em laboratórios, com a correção do solo, a adubação química e a irrigação, que geram grãos, que após a colheita, se tornam grãos estéreis.

Estamos considerando sementes e grãos saudáveis. A vida na Terra, como vegetal, animal ou homem, existe porque há uma ordem, um princípio inteligente que predispôs uma ordem, a começar pelos quatro elementos fundamentais: o ar, a terra, a água, o sol.

Grão ou semente? Essa é uma dinâmica antiga. A diferença entre grãos e sementes; para um leigo, qualquer grão colhido de uma planta que for semeado vai resultar numa planta. Mas para um agricultor, existe uma sutil e fundamental diferença. Em linguagem simples, grão é o que se colhe, e, semente é o que se planta. A semente é resultado de muitos anos de melhoramento de qualidade e desenvolvimento. Safra após safra, o melhoramento das plantas é proporcionado a partir de variados critérios identificados pelos agricultores, e não são focados somente na produtividade.

O critério é sempre o de sanidade, mais especificamente é o critério organísmico, cuja primeira fenomenologia é sempre a de sanidade biológica; e assim autentica-se também o processo espistêmico do conhecimento: a razão coincide com o ser.

As sementes são trocadas entre famílias e indivíduos, um vizinho para outro, de pais para filhos, e esses encontros para troca de sementes, são espaços de troca também de conhecimentos, vão trocando sementes e conhecimentos, e assim, passam para frente a diversidade genética e mantêm a diversidade da agricultura.

É uma ecobiologia holística. Conectar o macrocosmo vivente com o próprio microcosmos cotidiano.

O ambiente nos causa e nos causamos o ambiente. Consequentemente, é preciso entrar nessa visão para se tornar responsável competente e para obter uma interatividade nativa.

A díade evolutiva entre a semente e a terra, irá gerar uma nova planta, um crescimento saudável para a criatividade. Os jovens do campo também crescem como um potencial de



homem realizado, de acordo com suas escolhas, e o locais que vivem. E descobrimos que cada um de nós é único e irrepetível, embora nos adaptemos aos outros.

O crescimento para a criatividade deve ser atuado no interior das situações que se apresentam, é dos pequenos fatos do dia a dia, aquele miricismo cotidiano, que derivam as ações vencedoras e perdedoras. É preciso arriscar-se em muitas escolhas para vencer naquele que escolhemos como jogo-mestre, a vida.

Nesta relação, o jovem assim como uma semente, de determinado tipo de cultura, tem um papel único e essencial; o milho, o feijão, o trigo, a uva, a batata, convivem em harmonia e são complementares, porque encontra o escopo de sentido ou de valor.

No entanto, uma vez semeada, a vida quer que cada um se torne a semente que é.

É uma semente selecionada já na colheita, uma semente que é guardada para o próximo plantio. Nesta plantação, é necessário entrar na ambivalência de saber servir a sociedade enquanto construímos a nossa identidade interior: 1) indivíduo e como 2) ente social.

Para realizar uma sociedade ótima ou uma plantação viçosa, é preciso ter ótimos indivíduos. O principio do bem não está na sociedade, mas nos indivíduos, se são sadios, se tem uma consciência ôntica, ou seja, se conhecem o primeiro bem de si mesmos. Após ter feito e vivido o próprio bem individual interior, então o indivíduo é um colaborador e um coeficiente de valor também para os outros. Mas primeiro deve se construir no próprio interior.

*Nesta relação diádica entre jovem e ambiente, podemos então dizer que as sementes (jovens) são as que melhor se adaptam a cada região onde ocorrem, visto que elas se aperfeiçoaram por meio da seleção natural, na qual os indivíduos mais vigorosos permanecem, e com pouca terra, se faz fartura.*

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. et al. Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios. Brasília, DF: UNESCO, 1998.

ABRAMOVAY, R. **Ruralidade e desenvolvimento territorial**. Gazeta Mercantil, São Paulo, p. A3. 15 abr. 2000.

ABRAMOVAY, R. “**Juventude rural**: ampliando as oportunidades”, Raízes da Terra: parcerias para a construção de capital social no campo. Secretaria de Reordenamento Agrário do Ministério do Desenvolvimento Agrário. Brasília – DF, Ano 1, nº 1. Abril de 2005.

ADLER, A. What Life Should Mean to You, Boston: Litle, Brown, 1931. Disponível em: <http://www.alfred-adler.us/what-life.pdf> Acesso em: 12 abr. 2014.

ADLER, A. The Individual Psychology of Alfred Adler. H. L. Ansbacher and R. R. Ansbacher (Eds.). New York: Harper Torchbooks, 1956.

AGUIAR, Fábio Luiz de. **Juventudes de um Rural Catarinense**: Trajetórias Cotidianas no Contexto da Agricultura Familiar. 2006. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação, Departamento de Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: <<http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1645/1/tese.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

BARBIERI, Josiane Beatriz Piccin. **Intensificação da responsabilidade individual e do desenvolvimento pessoal em jovens através dos instrumentos de intervenção Ontopsicológica**: psicoterapia e "residence" de autenticação. 2003. 205 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Psicologia com Endereço em Ontopsicologia, Faculdade de Psicologia, Universidade Estatal de São Petersburgo, São Petersburgo - RU, 2003.

BRUMER, A. A Problemática dos Jovens Rurais na Pós-modernidade. In: Congreso Latino Americano de Sociología Rural, VII, 20-24 de novembro de 2006 Quito, Ecuador. **Anais...** Disponível em: <<http://www.alasru.org/cdaldasru2006/02%20GT%20Anita%20Brumer.pdf>>. Acesso em: 05.fev.2014

CAROTENUTO, Margherita. **Histórico Sobre as Teorias do Conhecimento**. Recanto Maestro/RS: OntoEd, 2009.

CARNEIRO, M. J. . O Ideal Rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, F.C.T.; SANTOS, R.; Costa, L.F.C. (Org.). **Mundo Rural e Política**: ensaios interdisciplinares. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

CASTRO, E. G. de. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista Latinoamericana de Ciências Sociales**, Niñez e juventud. 1 (7), p. 179 – 208, 2009. Disponível em: <http://www.umanizales.edu.co/revistacinde/indez.html>. Acesso em 15 de abril de 2014.

CASTRO, E. G. de (2009). **Os jovens estão indo embora?: juventude rural e a construção de um ator político**. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: Edur.

CORD, Denise. **Significações da Relação entre Homem e Tecnologias**: um estudo de caso. (Tese) Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina. 2004.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. **Teorias da Personalidade**. São Paulo: Harbra, 1986.

FOLETTTO, Almir Francisco. **Relação Homem, Natureza e a Função do Líder no Agronegócio**. 2013. 38 f. Monografia (Especialização) - Curso de MBA Business Intuition Agronegócios, Antonio Meneghetti Faculdade, Recanto Maestro, 2013.

FOLLETTTO, Almir Francisco. **Ontopsicologia e Humanização das Relações de Trabalho no Campo**. 2011. 85 f. Curso De Especialização Profissional Em Psicologia Com Abordagem Em Ontopsicologia Social (Especialização) - Universidade Estatal de São Petersburgo, São Petersburgo, 2011.

GRISHNA, Natália. Paradigma Humanista da Psicologia: Programa Educacional de Pós-Graduação Profissional em Psicologia, Universidade Estatal de São Petersburgo, 5-9 de jan. 2012. 30 p. **Notas de Aula**. digitadas.

GOLOVEI, Larissa. Psicologia do Desenvolvimento: Programa Educacional de Pós-Graduação Profissional em Psicologia, Universidade Estatal de São Petersburgo, 01-05 de maio de 2012. 35 p. **Notas de Aula**. digitadas.

HALL, C. S.; LINDZEY, G. **Teorias da Personalidade**. São Paulo, Ed. Herder, 1971.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. RJ: Ed. Paz e Terra, 1985.

HEIDER, F. **The Psychology of interpersonal relations**. Nova Iorque: JohnWiley, 1958.

HEIDER, F. On Lewin's method sand theory. **The Journal of Social Issues**, Supplement Series, n.13, 1959

HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa**. Editora Objetiva, 2001.

KRYLOV, A. A. **L'integrazione del sapere scientifico e l'Ontopsicologia in R. Nuova Ontopsicologia**. Roma: Psicologica Editrice. N.1. Ano XIX. Aprile 2001.

LOBATO, A. **La dignità della persona umana: privilegio e conquista**. Bologna: Studio Domenicano, 2003.

MAGNO, L.; DOULA, S. M.; PINTO, N. M. de A. (2011). La formación para el trabajo en la educación media en Colombia. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, 1 (9), pp. 305 - 319. Disponível em: Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77320072016>. Acesso em 14 abril 2014.

MANZATO, Antônio José; SANTOS, Adriana Barbosa. A elaboração de questionários na pesquisa quantitativa. 2012. Disponível em: <[http://www.inf.ufsc.br/~verav/Ensino\\_2012\\_1/ELABORACAO\\_QUESTIONARIOS\\_PESQUISA\\_QUANTITATIVA.pdf](http://www.inf.ufsc.br/~verav/Ensino_2012_1/ELABORACAO_QUESTIONARIOS_PESQUISA_QUANTITATIVA.pdf)>. Acesso em: 16 out. 2012.

MASLOW, A. H. **Introdução à Psicologia do Ser**. 2.ed. Rio de Janeiro: Eldorado, s/d.

MEAD, G.H. **Moviments of thought in the Nineteen Century**. The University of Chicago Press. 1944.

MEAD, G.H. **The philosophy of the act**. The University of Chicago Press, 1959

MEAD, G.H. **Mind, self and society**.The University of Chicago Press, 1970

MENEGHETTI, Antonio. **A psicologia do Líder**. Recanto Maestro/RS: OntoEd, 2008.

MENEGHETTI, A. **Cozinha Viva**. 2.ed. Recanto Maestro/RS: OntoEd, 2010.

MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. rev. ampl. Recanto Maestro/RS: OntoEd, 2012.

MENEGHETTI, Antonio. **OntoArte: O Em Si da Arte**. Florianópolis: OntoEd, 2003.

MENEGHETTI, Antonio. **O Projeto Homem**. 3.ed. Recanto Maestro/RS: OntoEd, 2011.

MENEGHETTI, Antonio. **Residence Ontopsicológico**.3. ed. Recanto Maestro/RS: OntoEd, 2005.

MENEGHETTI, Antonio. **Pedagogia Ontopsicologia**. Psicologica Editrice: 2002

MENEGHETTI, Antonio. **Sistema e Personalidade**.3. ed. Recanto Maestro/RS: OntoEd, 2004.

MENEGHETTI, Antonio. **Os Jovens e a Ética Ôntica**. Recanto Maestro/RS: OntoEd, 2013.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Onto Ed, 2010.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO, MDA. Secretaria da Agricultura Familiar. Disponível em: <[www.mda.gov.br/saf](http://www.mda.gov.br/saf)> acessado em: 17 abril 2014.

PERLS, F; HEFFERLINE, R; GOODMAN, P. **Gestalt-Terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

POLANY, K. **A Grande Transformação**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.

QUIRINO, Tarcízio Rego. Vertentes da Psicologia Social Moderna: Mead E Heider. **Psic.: Teor.e Pesq.**, Brasília, V.5, Nº2, pp.159-176, 1989.

ROGERS, Carl R.; KINGET, G. Marian. **Psicoterapia e Relações Humanas**. 2.ed., Belo Horizonte, Interlivros, 1977.

ROGERS, Carl. **Uma teoria da terapia, personalidade e relacionamento interpessoal**. Belo Horizonte, Interliuros, 1959.

ROGERS, Carl R.; ROSENBERG, Rachel Lea. **A Pessoa Como Centro**. São Paulo: EPU, 1977.

ROZANSKI, G.. Interação indivíduo-ambiente. **Ação & Psique: a causalidade psíquica no evento humano**, Santa Maria, v. 1, n. 6, p.31-35, 1996. Semestral.

SACHS, I. e ABRAMOVAY, R **Laços rural-urbanos: da oposição à sinergia**. São Paulo: UNICAMP, 1996.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23.ed. rev.atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SKINNER, B. F. **Ciência e Comportamento Humano**. 7a. ed., São Paulo (SP): Martins Fontes, 1989.

SKINNER, B. F. **Sobre o Behaviorismo**. Tradução: Maria da Penha Villalobos, Editora Cultrix – SP, 1974.

SCHULTZ, Duane P., SCHULTZ, Sydney Ellen. **História da psicologia moderna**. São Paulo: Thomson Learning. 8 ed. 2007 .

SCHULTZ, Duane P., SCHULTZ, Sydney Ellen. **Teorias da personalidade**. São Paulo: Thomson Learning, 2002.

STRAPASOLAS, Valmor Luiz. **O Mundo Rural no Horizonte dos Jovens**. Florianópolis: Ed. Ufsc, 2006.

VIDOR, Alécio. **Anotações de aula**. Recanto Maestro, 2011.

VIDOR, Alécio. **Filosofia Elementar**. Curitiba: IESDE, 2009.

VIDOR, Alécio. **Orientações**. Recanto Maestro: RS 2013a. Entrevista concedida a Claudiane Weber

VIDOR, Alécio. **Orientação para elaboração de monografia**. Recanto Maestro: RS 2013b. Entrevista concedida a Almir Francisco Foletto.

VYGOTSKY, L.S. **Psicologia da arte**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VOLPATO, Osmar. Permanência **do jovem produtor rural no campo – Qual a Perspectiva?**. CIDASC, Santa Catarina, 2013. Disponível em: <http://www.cidasc.sc.gov.br/blog/2013/02/01/permanencia-do-jovem-produtor-rural-no-campo-qual-a-perspectiva/>. Acesso em 15 fev. 2013.

WOORTMANN, E. F. **Herdeiros, parentes e compadres**. Colonos do Sul e Sitiantes do Nordeste. Brasília: Edub; São Paulo: Hucitec, 1995.

WANDERLEY, M. de N. B. **A Emergência de uma Nova Ruralidade nas Sociedades Modernas Avançadas: O “Rural” como Espaço Singular e Ator Coletivo**. UFPE, Recife, 2000 .

## ANEXO A - QUESTIONÁRIO APLICADO

- 1) **Sexo:**  Feminino  Masculino  
 2) **Idade:** \_\_\_\_\_ anos.  
 3) **Estado civil:**  solteiro  casado  outro.

### 4) Grau de escolaridade:

- ensino fundamental  ensino médio  cursando ensino médio  
 cursando grau superior  superior completo  pós- graduação

### 5) Atualmente você mora:

- no interior  na cidade

### 6) Você:

- trabalha no interior  trabalha na cidade  estuda  não trabalha

Profissão: \_\_\_\_\_

### 7) Você tem irmãos e irmãs?

- sim  não

Se sim, você é o mais velho, do meio, mais novo?  
 \_\_\_\_\_

### 8) Se você é solteiro - você mora com sua família?

- sim  não

### 9) Em relação com sua família - você se dá bem com todos?

- sim  não  eventualmente sim  não sei dizer  somente com meus pais

### 10) Se você mora com sua família. Quem é o responsável pelo sustento da família?

- eu  eu e minha esposa/esposo  minha esposa/esposo  pai  mãe  
 avós  você, seu pai, sua mãe, ou seja, ambos.  
 outros: \_\_\_\_\_

**11) Quem é o responsável pelas decisões nos negócios e investimentos?**

- eu  eu e minha esposa/esposo  minha esposa/esposo  pai  mãe  
 avós  você, seu pai, sua mãe, ou seja, ambos.  
 outros: \_\_\_\_\_

**12) Você se considera responsável pelas decisões que tomou e toma em sua vida?**

- sim  não  procuro sempre saber a opinião de meus amigos  
 procuro saber a opinião da família  
 sou influenciado pela opinião da namorada/namorado/esposo(a).

**13) Quem prepara a sua comida?**

- eu  eu e minha esposa/esposo  minha esposa/esposo  pai  mãe  
 avós  você, seu pai, sua mãe, ou seja, ambos.  
 outros: \_\_\_\_\_

**Eu gosto muito de cozinhar:**  sim  não  eventualmente

**14) O que gosta de fazer no tempo livre?**


---



---



---

**15) Se você trabalha, comente um pouco sobre o seu trabalho. Realiza suas atividades na agricultura, na cidade; você gosta; se sente realizado; faz por obrigação; sempre sonhou trabalhar e fazer o que faz agora, etc. Se não trabalha, comente por que.**

---



---

**16) Na sua opinião, o que fez você permanecer no campo. Se você migrou para cidade, quais motivos, razões te fizeram sair?**

---



---

**17) O que mais gosta de fazer? Ou que lhe dá mais realização?**